

Assinaturas

Ano — — — Cr.\$ 20,00
Semestre — Cr.\$ 12,00
Pagamento Adiantado

O ÉCO

Anúncios e Publicações
de acordo com a
TABELA
REDAÇÃO
RUA 15 DE NOVEMBRO N. 373
CAIXA POSTAL N. 30

REDATOR-CHEFE: ORLANDO PAULETTI

DIRETOR: ALEXANDRE CHITTO

(ORGÃO INDEPENDENTE)

ANO IX

S. PAULO

Ubirama, 26 de MAIO de 1946

BRASIL

NÚMERO 422

Campanha em prol da instalação da Usina de Açúcar

Realizou-se a anunciada reunião com a presença de canavieiros, comerciantes e industriais, ficando resolvido a ida de uma comissão ao Rio de Janeiro

Conforme noticiamos na nossa edição anterior, domingo último às 13 hs., no Cine Guarani, realizou-se a anunciada reunião, em prol da instalação da Usina de Açúcar,

tomando parte autoridades, grande número de canavieiros, comerciantes e industriais de Ubirama.

Estavam presentes: sr. José Salustiano de Oliveira, prefeito municipal; padre Salus-

tio Rodrigues Machado, Vigário da Paróquia; sr. Gino Bossi, farmacêutico; sr. José Ciccone Sobrinho, comerciante, sr. Angelo Augusto Paccola, comerciante; sr. Luiz Paccola, comerciante; sr. Atilio Ciccone, comerciante; sr. Francisco Capello, industrial; sr. Virgílio Capoani, comerciante; sr. Edmundo Nelli, industrial; sr. Francisco Baccili, comerciante e os seguintes canavieiros, presentes e representados:

Angelo Paccola & Irmãos, Filade Momo, Vicente Moretto, Ernesto Cacciolari & Irmãos, Benjamin Fayad, Manoel Oliver Cuevas, Angelo Zacarias, Tonin Bergamaschi, Luiz Boso, Placido Moretto & Irmãos, José Bega, João B. Dutra, Gerolamo Zillo, José Ignacio Leite, Felício Frezza, Natale Andreoli, Primo Casali, Irmãos Calderon, Zillo Irmãos & Capoani, Carlos Paccola & Irmãos, Irmãos Maeda, Francisco Lara Campos, Luiz Zillo & Sobrinhos, Zillo & Lorenzetti, José Zillo & Irmãos, Lorenzo Cavalheiro, José Boso & Irmãos, Idolo Ferrari, Adolfo Zacarias, I. Aagesen, Antonio Carlos Principe, Germano Turcarelli, Carlos Giacometti & Irmãos, e dr. Renato Pamplona.

Reunido o conclave, o sr. José Salustiano de Oliveira, governador da cidade, abriu a sessão, passando, em seguida, a palavra ao revmo. Vigário, que fez ligeira exposição do significado daquela reunião. E depois de tomadas em consideração também diversas opiniões, ficou determinado que uma comissão foi ao Rio de Janeiro afim de expor ao sr. Presidente da República e ao sr. Presidente do Instituto do Açúcar e do Alcool a situação aflitiva dos canavieiros de Ubirama.

E a comissão, que foi ao Rio de Janeiro, levou um extenso memorial, no qual constou fotografias e discursos por ocasião do lançamento da primeira pedra da Usina de Açúcar, estando presentes o dr. Fernando de Oliveira Guenna, representando o dr. Barbosa Li-

ma, então Presidente do Instituto do Açúcar e do Alcool e o saudoso Bispo Diocesano.

Constou também no memorial a boa disposição dos canavieiros de Ubirama, comprometendo-se de intensificar a sua lavoura de cana, aliás, como fizeram na expectativa da promessa do dr. Fernando de Oliveira Guenna.

Para custear as despesas da comissão na Cidade Maravilhosa, os srs. canavieiros concorreram com a importância de 200 Cruzeiros cada um.

Até ao presente momento a comitiva integrou-se dos seguintes nomes: sr. José Salustiano de Oliveira, prefeito municipal; revmo. Vigário, sr. José Zillo, dr. Renato Pamplona, sr. Joaquim Anselmo Martins e sr. Luiz Azevedo.

O revmo. Vigário, por telegrama, solicitou audiência ao general Gaspar Dutra e ao sr. Presidente do Instituto do Açúcar e do Alcool.

Assim, esperemos pois que Ubirama não tenha perdido o seu tempo e trabalho esperando a promessa do Instituto do Açúcar e do Alcool.

A Comissão da Igreja continua inerte

Ha muito que estamos batendo a tecla que, dentro em breve, seriam reiniciadas as obras da nova Igreja Matriz. Entretanto até agora a comissão continua inerte.

MINISTRO do LUZITANA empedido?

Segundo está sendo apurado, o jogador Ministro integrou o quadro do Luzitana, com a sua inscrição ilegal.

O INSTITUTO DO AÇUCAR E DO ALCOOL E A LAVOURA CANAVIEIRA DE UBIRAMA

ALEXANDRE CHITTO

Quando «O ÉCO» publicou a noticia de que o Instituto do Açúcar e do Alcool não havia se desinteressado na instalação da Usina, desmentindo, assim, categoricamente a divulgação do «Diário de S. Paulo», feita dias atrás, em geral, duvidou-se das afirmações desta folha.

Já se havia dito a verdade e, portanto, «O ÉCO» publicava uma grandíssima mentira, aplicando, dessa forma, uma enjeção de óleo canforado na classe canavieira para que não se lhe exgotasse o alento em dar conta dos seus vastos canaviais, uma vez que a Usina ficava resultada em discursos, festas, banquetes, música etc.

E' verdade que o Instituto do Açúcar e do Alcool fôra um grande amigo da lavoura canavieira local, dando-lhe a mão justamente na sua hora mais aflitiva, instalando a Distilaria Central e requisitando a aguardente, ascendendo, assim, a preços elevados.

Mas nem por isso, agora, poder-se-á conceber que o Instituto do Açúcar e do Alcool havia de deixar a Usina em palavras e promessas, abandonando a lavoura canavieira á mercê do seu destino, porque o dr. Getulio Vargas deixou a presidência da República ou porque o dr. Barbosa Lima Sobrinho não é mais presidente do Instituto. Isso não.

Por ventura, não esteve aqui o dr. Fernando de Oliveira Guenna, representando o dr. Barbosa Lima Sobrinho, prometendo solenemente a instalação da Usina? Estando presentes ao ato o saudoso Bispo Diocesano, D. Frei Luiz Maria de Santana; Juizes das Comarcas Visinhas, autoridades de Laranjal, São Manoel, Macatuba, Agudos, Avaré, Botucatu, altos representantes do cléro e pessoas representativas de São Paulo etc.?

Ora, como se vê, o lançamento da primeira pedra é um grande compromisso do Instituto do Açúcar e do Alcool, compromisso patentado com o discurso do dr. Fernando de Oliveira Guenna, do qual destacamos as seguintes afirmações: «Cabe-me ainda a honra de, em nome do sr. Presidente, colocar a pedra fundamental da primeira Usina que o Instituto do Açúcar e do Alcool instala em todo território Nacional.

Faço-o na certeza de que, dentro de pouco tempo, aqui teremos em pleno funcionamento a mais moderna Usina de açúcar do paiz, dotada dos últimos requisitos da técnica, proporcionando aos seus fornecedores de cana todos os benefícios decorrentes do maior aproveitamento dessa lavoura, que é o trabalho e suor do homem do campo.»

Eis as palavras que documentam o compromisso. E, depois, o dr. Fernando de Oliveira Guenna não esteve em Ubirama estudando as possibilidades agrícolas do município? Não se prontificaram os canavieiros a plantar cana suficiente para abastecer a Usina? O Instituto do Açúcar e do Alcool fugindo agora da instalação da mesma, seria matar, de todo, a lavoura canavieira do município.

Porem, o sr. Luiz Azevedo, Gerente da Distilaria, encarregou-se de desfazer os boatos em circulação, afirmando que o Instituto do Açúcar e do Alcool continua firme em seu alto propósito.

E a Usina virá.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
Agência Municipal de UBIRAMA

Selo de Estatística

Entrará em vigor em 1.º de Junho, a cobrança do SELO de Estatística, nas Casas de Diversões, neste município, conforme EDITAL afixado na Coletoria Federal e Prefeitura Municipal.

Emanoel Canva
Agente Municipal

Dr. João Paccola Prima

MÉDICO

Clinica geral de adultos e crianças - Cirurgia - Partos

Doenças do Ouvido, Nariz e Garganta

Ex-interno por concurso do Pronto Socorro do Rio de Janeiro — Ex-interno por concurso da Maternidade do Hospital São Francisco de Assis á cargo do Dr. Aguinaga. — Ex-interno residente da Casa de Saúde São Jorge (Rio de Janeiro)

Caixa 35 — Fone, 48 — UBIRAMA — Estado de São Paulo

Hospital Beneficente Nossa S. da Piedade

Balanço em 30 de Abril de 1946

LEITOS DIAS			
Em 31 de março	Indigentes	1013	
	Pagantes	323	1336
Durante o mez	Indigentes	449	
	Pagantes	62	511
Total em 30 de Abril	Indigentes	1462	1.847
	Pagantes	385	1.847

BALANCETE DE VERIFICAÇÃO

DÉBITO

IMOBILIZAÇÕES			
Imóveis	Cr.\$	259.094,80	
Móveis		41.532,00	
Utensílios Diversos		11.113,60	
Material Cirúrgico e Pertences		72.430,20	
Rouparia		29.416,60	413.587,20
DISPONIBILIDADE			
Caixa		1.121,50	
Depósitos em Bancos		87.276,60	
Depósito na Caixa Econômica		88,90	88.487,00
EXISTÊNCIA			
Medicamentos e Acessórios		5.850,60	
Despensa e Depósito		1.009,00	6.859,60
CONTAS CORRENTES			
Contas a receber na «Portaria»		2.558,00	
Assunta Aiello e/ cobrança		8.440,00	10.998,00
DESPESAS			
Alimentação		15.818,90	
Medicamentos e Acessórios		6.757,80	
Sala de Operação e Curativos		4.983,00	
Diárias a Indigentes		15.340,00	
Medicamentos a Indigentes		974,00	
Sala de Operação a Indigentes		2.050,00	
Ambulatório a Indigentes		1.300,00	
Força e Luz		1.073,10	
Selos e Estampilhas		326,00	
Telefone		379,90	
Gastos Miudos		4.415,60	
Gastos de Escritório		836,00	
Ordenados Administração		2.080,00	
Ordenados Diversos		4.600,00	
Conservação		2.380,00	
Juros e Descontos		232,00	63.546,00
Total do débito	Cr.\$		583.478,10

CRÉDITO

RENDAS			
Diárias	Cr.\$	25.643,00	
Medicamentos e Acessórios		4.575,00	
Sala de Operação e Curativos		9.399,00	
Ambulatório		4.699,00	
Donativos Gerais		41.445,20	
Contribuição dos Sócios		5.544,00	
Subvenção Estadual		15.136,20	
Contribuição a receber dos Sócios		8,44	
Juros e Descontos		64,20	114.945,60
CONTAS CORRENTES			
Diversos credores cf. anexo			8.361,50
PATRIMONIO LIQUIDO			
Patrimonio liquido			460.171,00
Total do crédito	Cr.\$		583.478,10

DC. / Ubirama, 30 de abril de 1946.

Gino Bosi
Vice-Provedor

José Garrido Gil
Tesoureiro

O fornecimento do leite á cidade será feito somente até o fim do mês corrente

E' vòz corrente que o fornecimento do leite será feito até o fim do corrente mês, caso os srs. fornecedores não consigam o aumento desejado.

Como é evidente, a cidade não pode permanecer privada do precioso alimento e, neste caso, é preciso que haja um en-

tendimento entre os srs. leiteiros e o Departamento Municipal de Preços, para que a intentada greve fique sem efeito.

Expulsão do País aos negociantes Estrangeiros que atentarem contra a Economia Popular

Um matutino Carioca sugeriu que sejam expulsos do país os comerciantes estrangeiros que atentarem contra a economia popular.

Banco Nacional da Cidade de S. Paulo, S.A.

FUNDADO EM 1924

Capital Cr. \$ 12.300.000,00
Fundos de Reserva . Cr. \$ 17.505.595,40

SÉDE CENTRAL: São Paulo -
Rua São Bento, 341

FILIAIS:
Curitiba, Rio de Janeiro e Santos.

AGENCIAS: Barra Mansa (Estado do Rio) — Araguaçu - Botucatu (Estado de S. Paulo) — Cambará (Estado do Paraná)—Campinas-Cruzeiro—Jaboticabal — Jacaréi — Jaú-Lorena—Mogí das Cruzes — Mogí Mirim-Pinhal — Piracicaba — Presidente Prudente — Santa Cruz do Rio Pardo — Santo André — Sertãozinho— Taubaté - Ubirama - (todas no Estado de São Paulo) e Agências Urbanas Central, Norte (Brás) e Oeste (Luz).

Taxas para Contas de Depósitos

C/C. Movimento Juros 3% aa
C/C. Limitadas Juros 5% aa.
Depósitos a Prazo Fixo e com Aviso Prévio — taxas especiais a combinar.

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Agência em **UBIRAMA:** Rua 15 de Novembro, 779

Bar e Restaurante «PAULISTA»

- DE -

Vitorio ConeglianBebidas nacionais e estrangeiras, doces,
petisqueira á toda hora.

Rua 15 de Novembro, 813

Fone, 60

UBIRAMA

Vitória Amarga...

Nem tudo que reluz é ouro, assim expressa o velho adágio, porque estando este encoberto por uma camada de poeira muitas vezes pode enganar o comprador.

Pois si tudo neste mundo que brilha falsamente tivesse o esplendor do outro o Luzitana teria fulgurado em nossa cidade não fazendo como o fez, demonstrando pouca cortezia e educação esportiva.

Para nós, perder para um esquadrão como o Luzitana nos seria bastante lisongeiro, porque, sem favor algum, sabemos que seu esforço tem sido bastante para ser o líder na tabela neste campeonato, tendo apresentado um padrão de jogo e uma técnica digna do seu técnico Waldemar de Brito.

Mas, nem sempre pode-se cantar as vitórias conseguidas por meios desonestos como fez o Luzitana em nossa cidade que embora tenhamos um team alcunhado de «Quadro de Fazenda» foi-lhe necessário fazer a inclusão de elementos não legalizados, para obter uma vitória cantada por tão pouco tempo e desmerecida.

Esta fazenda sempre soube e sempre saberá demonstrar principios de moral e educação esportiva, onde quer que seja, o que infelizmente não aconteceu com a torcida Luzitanista, que, ao meu ver está destituída dessa virtude; isto tive o ensejo de presenciar.

Se temos demonstrado aos visitantes que aqui tem aportado certo grau de cavalheirismo, estes tem muitas vezes desmerecido gradativamente o acolhimento que lhe temos dado, como fizeram

FRACOS E ANEMICOS!
Tomem:
VINHO CREOSOTADO
Do Ph. Ch. João de Silva Silveira
Empregado com exito nas:
Tosses
Resfriados
Bronchites
Escrophulose
Convalescenças
VINHO CREOSOTADO
é um gerador de saúde.



os torcedores do Luzitana, no jogo aqui realizado, domingo passado.

No entanto, o que se vem notando, é que nossos jogadores de fazenda, inclusive os colonos e patrões, sabem se portar quando vão disputar qualquer partida futebolística, não fazendo o papel pouco decente como o fizeram os da torcida do Luzitana, chegando ao auge de perder a compostura social, ofendendo nossa assistência com palavras, quando deveriam dar o exemplo por serem filhos da Capital da Terra Branca.

Tambem não me é possível deixar incolune o modo vulgar com que foi tratado o árbitro da partida, por um dos directores daquele quadro que numa meia agressão procurou motivar um jogo bastante pesado, sem que o referido árbitro expulsasse os elementos incorregiveis.

Infelizmente tambem é de se lamentar que os mentores Luzitanistas chegassem a essa altura, pois ao meu ver, não houve motivo para procederem daquele modo, porque nós os da «Fazenda» sempre temos dispensado atenção e cavalheirismo para com nossos visitantes, sem se importar que a vitória nos sorria, porque não temos por costume comprar os juizes para ganhar esta ou aquela partida futebolística.

E dado a grande mentalidade Luzitanista é que receberam em troca, o seu merecido castigo de

ESCRITORIO COMERCIAL «OLIVEIRA»

Depart. Com. e Contabil.

Alfredo O. CapuchoRua Tibiriçá n. 530
Caixa Postal, 9 — UBIRAMA

Depart. Juridico.

Dr. JOÃO FERREIRA SILVEIRARua 13 de Maio N. 261
AGUDOS

quando com toda sua rompansa incluíram um elemento não legalizado em seu quadro, resultando daí quasi a perda de 2 pontos, julgando com certeza que essa inclusão desonestista de jogador não legalizado no quadro nos passasse despercebida.

Portanto, é com bastante pesar, não para mim, mas sim para com os fans do Luzitana que âmputo quasi a perda da liderança na disputa do campeonato da 5.ª Região, fazendo, portanto, votos para que nos próximos encontros tenham melhor sorte, porque, ganhar é bonito, mas não desse jeito...

ACRES

Assinam Leiam e Propaguem «O EGO»

Por enquanto medida alguma para acabar com os cães vadios

As principais vias públicas da cidade continuam tomadas, diariamente, por cães vadios, sem que a Prefeitura emane medidas necessárias para acabar com esses animais inúteis.

Jardim da Infância e Escola Doméstica

Tambem esse fato como a Igreja, estamos sempre martelando de que o Jardim da Infância

Máquinas da Sorocabana a óleo crú

Conforme uma informação de fontes fidedignas, dentro em pouco, a Sorocabana fará transitar, de Botucatu a Bauru, máquinas tocadas a óleo crú.

Segundo ainda as mesmas informações, as máquinas foram adquiridas nos Estados Unidos e as quais já estão chegando ao Brasil.

Hoje no Cine Guarani A Canção do Deserto

A SÍFILIS
É UMA DOENÇA GRAVÍSSIMA MUITO PERIGOSA PARA A FAMÍLIA E PARA A RAÇA. COMO UM BOM AUXILIAR NO TRATAMENTO DESSE GRANDE FLAGELO USE O

ELIXIR DE NOGUEIRA
A SÍFILIS SE APRESENTA SOB INÚMERAS FORMAS, TAIS COMO:

- REUMATISMO
- ESCRÓFULAS
- ESPINHAS
- FÍSTULAS
- ÚLCERAS
- ECZEMAS
- FERIDAS
- BARTROS
- MANCHAS

“ELIXIR DE NOGUEIRA”
CONHECIDO HÁ 85 ANOS
VENDE-SE EM TODA PARTE

«Medicação auxiliar no tratamento da sífilis».

Alfaiataria Cicconi

(Confecções a Capricho)

Giovanino Cicconi

Mantem sempre em estoque linhos nacionais e estrangeiros, casimiras de alta qualidade.

Rua 15 de Novembro, 583 - Est. S. Paulo

UBIRAMA

Recordações

Não podendo descortinar os horizontes porque as montanhas me empediam a visão, sentindo saudades e, ao mesmo tempo, ciúmes de você, os meus pensamentos foram recordando:

«Abaixai-vos serras altas,
Quero ver toda a cidade;
Quero ver o meu amor,
Que estou morto de saudade».

«Abaixai-vos Serra Negra,
Quero ver Mogi-Mirim;
Quero ver se aquela ingrata
Ainda se lembra de mim».

«Abaixai-vos serras altas,
Quero ver Guaratinguetá;
Quero ver o meu benzinho
Nos braços de quem está».

Mas, depois, novamente livre das montanhas e contrariado por que a tive infiel numa recordação poética, queria desaparecer num dos picos da cordilheira e então:

«Naquela alta serra
Me quero ir morar;
Quem me quizer bem,
Quem bem me quizer,
Lá irá me buscar».

Que quer você, foram somente recordações, mas que me aborreceram, principalmente quando cantei imaginariamente:

«Abaixai-vos serras altas,
Quero ver Guaratinguetá;
Quero ver o meu benzinho
Nos braços de quem está».

LISSER

Aniversários

Transcorreu dia 21 deste, o aniversário natalício do jovem Accacio Masseran, filho do sr. Augusto Masseran e d. Filvia Masseran.

Passará seu aniversário em Ubirama dia 28 o sr. Dr. Jorge Masseran, dentista residente em Mineiros.

Fazem anos hoje: o sr. Evaristo Canova, contador da Prefeitura Municipal; a srna Anella L. Coneglian, esposa do sr. Carlos Coneglian; d. Carmela Malavasi e o jovem Antonio Paccola.

Dia 27, o jovem Fuad Terner Feres.

Dia 28, a menina Ana Maria, filha do sr. Angelo Petenazzi.

Dia 29, a srna. Filomena Coneglian, esposa do sr. João Coneglian.

Dia 30, o menino Léo Andretto.

Dia 31, o sr. Olivio Coneglian, a sta. Ida Moretto, a menina Daise Antonia Sasso e a srta. Elza Del Rosso.

*Professor João Batista
Vianna Nogueira*

Transcorreu no dia 23 p.p. o aniversário do Ilmo. Sr. João Batista Vianna Nogueira, mui digno Diretor do Grupo Escolar «Esperança de Oliveira». As adjuntas e alunos do grupo, prestaram-lhe homenagens, organizando para isso uma festinha. Além dos cânticos e recitativos pelos alunos, foi-lhe oferecido muitas flôres. No 1.º período escolar, usou da palavra o Sr. Prof.

Diretor: Alexandre Chitto

O ECO

Redator-Chefe: Orlando Pauletti

ANO IX

Ubirama, 26 de MAIO de 1946

NÚMERO 422

Orlando Candido Machado, e no 2.º, á tarde, foi desenvolvido o seguinte programa:

1 — Saudação — Pelo aluno Cristiano de Barros;

2 — Quadrinhos — pelas alunas Norma Angelina Capoani e Dilma de Moura Camargo.

3 — Nos sertões do meu Brasil — Canção a uma voz, pelo orfeão infantil, sob a regência da prof. Aracy Salles.

4 — Quadrinhos — Pela aluna Maria Izabel Marques.

5 — Como alegres passarinhos — canção pelos alunos do Grupo.

6 — Não quero outra vida — samba-canção pelo aluno Fernando Antonio de Barros.

7 — Discurso pela professora Aracy Salles.

O sr. Diretor com suas palavras sinceras, agradeceu essa pequena homenagem, em seguida convidou seus adjuntos para tomar uma chavena de chá em sua residência onde se achava repleta de pessoas amigas que também foram cumprimenta-lo.

*Tenente Francisco Augusto
de Paiva*

Transcorreu ontem o aniversário natalício do Ilmo. sr. Tenente Francisco Augusto de Paiva, residente em Bauru. Por esse motivo, foi-lhe oferecido pelos seus amigos um jantar na Rocinha, tendo comparecido elementos de destaque de nosso meio social assim como das cidades de Bauru e Macatuba. Usaram da palavra, durante á sobre-mesa o Ilmo. Sr. Major Oberdan e a senhorita professora Aracy Sales.

Futebol

O C.A.L. foi surpreendido pelo Luzitana por 2 a 1

Domingo passado, realizou-se, em nosso campo, o anunciado jogo entre o C. A. Lençoense e o Luzitana F.C., vencendo este último pela contagem de 2 a 1, depois de estar perdendo por 1 a 0 na primeira fase.

O encontro, geralmente foi medíocre, principalmente a atuação da equi-

A missão dos correspondentes dos jornais de fóra

E' sabido que, nesta cidade existem inúmeros correspondentes de jornais da capital.

Ora, estando, agora, Ubirama empenhada na grande campanha da Usina de Açúcar, é justo que todo e qualquer au-

xílio que venha em prol da classe canavieira nunca é de mais.

Principalmente levando ao conhecimento do Instituto do Açúcar e do Alcool que tem um grande compromisso para com Ubirama.

pe local, visto logo de início ter se machucado o «pivot» Ilmo. O centro médio lençoense teve que deixar o seu posto e deslocar-se para a linha de ataque, o que veio desarticulando totalmente o conjunto alvi-negro, aproveitando-se disso os lusos para vencer depois de estarem perdendo, como dissemos.

Dada a essa modificação, o C.A.L. não conseguiu apresentar um futebol que impressionasse a numerosa torcida que se acotovelava ao redor da nossa «cancha». Porem, podia garantir-se a vitória, caso o técnico Sandro tivesse mantido Ilmo na sua posição primitiva, coadjuvado por Mano.

Executando a mudança de posições andou errada a parte técnica do nosso quadro. Perdemos assim, depois de estarmos vencendo no período dos primeiros quarenta e cinco minutos.

Todavia, não conseguindo apresentar um futebol melhor dadas ás circunstâncias expostas, conformemo-nos com a derrota.

Tivemos a infelicidade de ter, no encontro com o Luzitana, o «esteio» do quadro machudo e tivemos que perder, mas, nem por isso, devemos desanimar.

Foi árbitro da partida o sr. Walter Diniz, da F. P. F., tendo uma atuação

muito fraca, principalmente no segundo tempo, o que veio dar margem que a partida perdesse parte do seu brilho.

Os quadros alinharam-se com a seguinte organização: Luzitana — Zinho Borracha e Gino; Mimosa, Pedrinho e Dinho; Demais, Ministro, Dondinho, Vicente e Nico.

Lençoenses — Oberdam, Limão e Imparato; Belfare, Ilmo e Abilio; Helio, Bizzorro, Mano, Pedrinho e Tite.

Preliminar

Na preliminar disputada entre os Aspirantes e o Gremio de Agudos, venceram os lençoenses por 2 a 0.

Assinem Leiam e Propaguem «O ECO»

Precisamos calçar as ruas da cidade

Já estão se tornando intoleráveis as principais ruas da cidade sem calçamento.

Como dissemos, em Ubirama estão se construindo ótimos prédios e as ruas sem o devido calçamento vai ser um caso sério.

A Rua Vitória irá alem da Riachuelo

Temos informações seguras que os drs. Gabriel e Elias Rocha pretendem demolir a sua velha residência, na rua Riachuelo e, no local, mandar edificar duas ótimas casas residenciais, permitindo, assim, á Prefeitura poder alongar a rua Vitória até onde deve ser instalada a Usina de Açúcar.

Dr. Antonio Cedesco

MÉDICO

CLINICA GERAL — OPERAÇÕES — PARTOS

Florian Peixoto, 345 — UBIRAMA — Fône, 61

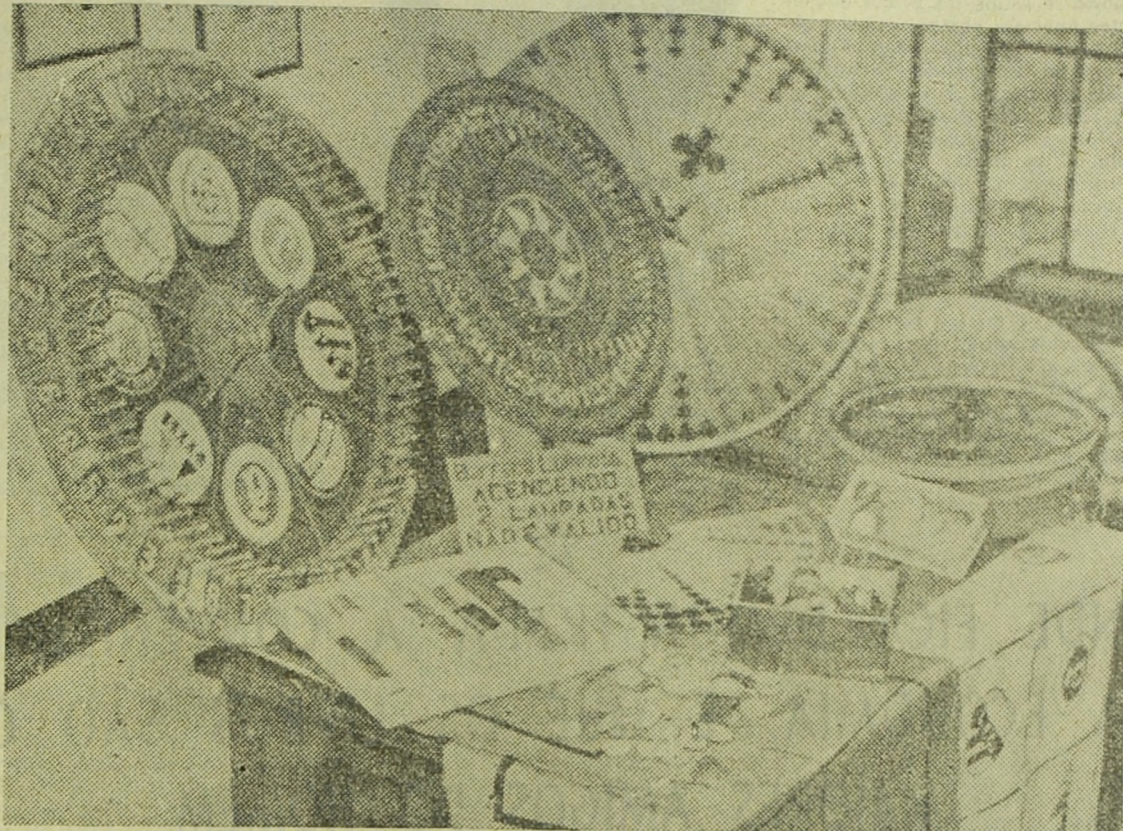
"EIS O JOGO, O GRANDE PUTREFADOR"

É do nosso grande Rui Barbosa o seguinte libelo contra o jogo e sobre ele devem meditar todas as pessoas:

"De todas as desgraças que penetram o homem pela algibeira e arruinam o caráter pela fortuna, a mais grave é, sem dúvida nenhuma, essa: o jogo. O jogo na sua expressão mãe, o jogo na sua acepção usual, o jogo propriamente dito; em uma palavra: o jogo: os naipes, os dados, a mesa verde.

Permanente como as grandes epidemias que devastam a humanidade, universal como o vício, solapado no seu contágio como as infecções purulentas, furtivo como o crime, corruptor de todos os estímulos morais como o álcool, ele zomba da decência das leis e da polícia, abarca no domínio das suas emanções a sociedade inteira, nivela sob a sua deprimente igualdade todas as classes, mergulha na sua promiscuidade indiferente até os mais baixos volubros do lixo social, alcança no requinte das suas seduções as alturas mais aristocráticas da inteligência, da riqueza, da autoridade; inutiliza gênios, degrada príncipes, emudece oradores; atrai à luta almas azedadas pelo calitismo habitual das paradas infelizes, à família, corações degenerados pelo contacto cotidiano de todas as impurezas, à concorrência do trabalho diurno, os naufragos das noites tempestuosas de azar; e não raro a violência das indignações furiosas é apenas a ressaca das agitações e dos destroços das longas madrugadas do cassino.

Quantos destinos não se contam por aí, dominados exclusivamente na sua irremediável esterilidade pela ação desse fadário maligno! Quantas vidas que a natureza dotara de prendas excelentes para a felicidade própria e o bem de seus semelhantes não se consomem, graças à tirania dessa paixão absorvente, no descontentamento, na revolta, na inveja, na malevolência habitual! Quantos fenômenos inexplicáveis de reação, de cólera e de ódio ao que existe, de despeito contra o que dura, de guerra ao que se eleva, de irreconciliabilidade com o que não se abaixa, não têm a sua origem nos contrastes e amarguras dessas existências aberradas, que sacudidas continuamente pelas emoções do inesperado, se alimentam de suas surpresas, se estiolam com as suas decepções e, vindo a felicidade repartir-se às cegas, pelos capri-



chos do jogo, acabam por supor que a sorte de todos neste mundo, se distribui com a mesma casualidade, com a mesma desproporção, com a mesma injustiça, acabam por ver no merecimento, no esforço, na economia, na perseve-

rança, coisas fictícias, estranhas ou hostis, acabam por confundir o súdário divino dos mártires do trabalho com a pobreza exprobatória em que a ociosidade amortalha os desclassificados de todas as paixões.

... essa fatalidade, que rouba ao estudo tantos talentos, à indústria tantas forças, à probidade tantos caracteres, ao dever doméstico tantas virtudes, à pátria tantos heroísmos, reina sob a sua manifestação completa em esconderijos,

onde a palavra se abastarda no calão, onde a personalidade humana se despe de seu pudor, onde a embriaguez da cobiça delira cínica e obscena, onde, em uma comunhão odiosa, se contraem as amizades inverossímeis, onde o menos que se gasta é o equilíbrio da alma, o menos que se arruína é o ideal, o menos que se dissipa é o tempo, estôfo precioso de todas as obras primas, de todas as ações grandes.

Inumerável é o número de criaturas, que a tentação, o exemplo, o instinto, o hábito, o acaso, a miséria levam a passar por esses latibulos cuja clientela vai periodicamente fazer-se apodrecer ali, por gozo, por necessidade, por avidez e, na corrupção de cujos mistérios, cada iniciado se afaz a ir deixando ficar aos poucos a energia, a fé, o juízo, a nobreza, a honra, a temperança, a caridade, a flor de todos os afetos cujo perfume embalsama a preserva o caráter.

Aquêles que, por uma reação do horror no fundo da consciência, logram salvar-se em tempo desses tremedais, poderiam escrever a história da natureza humana, vista sob aspectos inomináveis. Outros, porém, prêsas das vasas, que nunca mais os largam, rolam e imergem nela, de decadência em decadência, cada vez mais saturados, mais afundados no infortúnio, até que a piedade infinita do termo de todas as coisas lhes recolha ao seio do eterno esquecimento os restos inúteis de um destino sem epitáfio".

A PERFEIÇÃO COMO INIMIGA DO IMPREVISTO

Reportagem de PONTES DE MORAES

As filas, desgraçadamente, são um índice alarmante da desorganização da nossa vida econômica. Essa desordem atingiu todos os setores da vida nacional e não será com pouco trabalho que havemos de pôr essas coisas nos "eixos".

Esse e outros raciocínios desse jaez assaltam, sempre, o espírito do reporter nos tormentosos dias que vivemos. Mergulhado nesses pensamentos tenebrosos, não notamos que havia se aproximado de nós um par de calças cinzentas. Olhamos para cima para ver a cara do dono das calças. Era um suíço nosso amigo. Alto, esguio, metido num paletó de alpaca que contrastava com o cinza das calças.

Esse homem é a fléugma em pessoa. Vive no Brasil há mais de 40 anos. Tem muitos filhos brasileiros. Representa, sempre, qualquer produto europeu ou norte-americano. Já vendeu agulhas, geladeiras, rádios, produtos farmacêuticos. E parece que ganha muito dinheiro. A vida lhe sorri. Nos bons tempos de paz ia em anos alternados rever o seu país. Nunca faltou ao encontro periódico com as montanhas do seu cantão. Não fôsse a guerra...

Esse homem que — como já disse — é a fléugma em pessoa, sorriu e disse:

— O senhor está desesperado com o rumo que as coisas estão tomando — disse animadamente. Não perca a calma. O senhor vive num país magnífico. O Brasil é o país ideal. Não existe outro igual na Terra. Um poeta seu patricio afirmou, mesmo: "Não verás nunca, criança, um país como este".

Pensei que o homem estava pilheriando. Mas falava seriamente. Acendeu um cigarro de palha — dêsse de fumo picado e palha

tôca de milho — assoprou a fumaça, e continuou: — Gosto do seu país. Hoje é meu também porque minha mulher é brasileira e brasileiros são os oito filhos que tenho. Gosto porque tive a infelicidade de nascer no país da perfeição...

— O quê? Infelicidade de nascer no país da perfeição? Então o senhor se lastima por nascer num país onde tudo anda em ordem, onde tudo...

— Lastimar, não lastimo. Mas acho que a perfeição, quando é demais, aborrece. Na Suíça tudo anda aborrecidamente direito. Desde a burocracia até os mais ínfimos detalhes da vida do povo.

Lá — prossegue o nosso interlocutor — nunca o senhor poderia conceber um atraso nos trens. O horário é rigorosamente obedecido. Se o comboio deve chegar às 16 horas e 23 minutos — às 16 horas e 23 minutos, britânicamente, ele dá entrada na estação. Não seria admissível que ele che-

gasse às 16 horas, 23 minutos e 5 segundos. A ordem é perfeita. Os bondes, os auto-ônibus, fazem as suas viagens dentro da mais impecável regularidade. Essa regularidade torna-se irritante, porque nos falta o imprevisito, o acidente que é o sal da vida. A monotonia sufoca e tira o encanto da vida.

Quando o senhor entra numa repartição do governo o funcionário corre pressuroso a atendê-lo. Multiplica-se e resolve o seu caso em minutos. Os cinemas obedecem com rigor os programas e os ho-

rários. No comércio tudo é perfeito. O dono da casa, os caixeiros, o porteiro. O que o senhor compra prima pela perfeição e pela ótima qualidade. Se telefonar para um empório, poucos minutos depois está na sua porta um mensageiro esbaforido pedindo desculpas pelo atraso. A encomenda é perfeita.

O Correlo, então, meu amigo, é o exagêro da perfeição. Nunca se poderia admitir o extravio de uma carta. Na minha cidade natal onde o agente é um parente meu, até 1938, tinha havido, nos últimos 30 anos, 4 extravios de correspondência sobre os quais foram abertos rigorosos inquéritos. E as autoridades não se deram por acha-

[Conclui na última página]

RESPOSTAS AO PÉ DA LETRA

Certa vez alguém perguntou a lord Calvin, o grande cientista escocês:

— Você não acredita em milagres, não é verdade?

— "Oh, naturalmente que sim" foi a sua pronta resposta. "Todo ser humano não passa de um milagre".

Frank Gervassi, correspondente da revista Collier, perguntou ao general Smuts sobre as chances da Inglaterra na guerra. O famoso militar foi muito positivo: "Nós venceremos na certa", foi a sua resposta, "Deus está do nosso lado".

"Perdê-me general", sorriu Gervassi, "mas quantos aeroplanos ele possui?"

Certa vez uma moça ao passar perto de um senhor que ela julgava muito pretensioso disse-lhe:

"Pretensão e água benta cada um tira o que quer".

O senhor na mesma hora retorquiu:

"Mas a pia se esvazia quando passa uma mulher..."



No país em que tudo é perfeito, filas como estas não existem. Povo feliz aquele!

PEDRO I, IMPERADOR DO BRASIL

A situação em que D. João VI deixou o Brasil era das mais angustiosas. A impressão que se tinha da capital do país era de que se estava diante de um deserto, tal foi o efeito causado pelo exodo das três mil pessoas que acompanharam o Regente de volta à Europa. A vida comercial paralisou-se por completo. Os bancos tinham uma bancarrota. As ruas andavam desertas. As casas de diversões foram obrigadas a fechar as suas portas por falta de frequentadores. Ninguém ousava comparecer aos teatros.

Tal era o panorama da capital do país quando Pedro I assumiu a regência dos destinos do Brasil. Mal sabia ele que mais tarde teria de levar a termo uma grande obra cujos alicerces há muito que já haviam sido lançados.

Auxiliado em tudo por José Bonifácio que, com o seu tacto político e com o seu amor pela terra natal, conseguira granjear um enorme prestígio junto ao Regente, soube Pedro I dar mostras dos altos interesses com que sempre olhou os destinos de uma terra, cujos filhos lhe conferiram mais tarde o título de seu defensor perpétuo.

Bem sabia D. João VI o que significaria para o Brasil aquela sua retirada brusca, deixando o seu augusto filho encarregado de tomar conta dos destinos da pátria que tanto amou: — "Pedro, o Brasil em breve se separará de Portugal; e, antes que algum aventureiro lance mão da nova coroa, põe-na tu sobre a tua cabeça".

Estava aberto e desbravado o caminho que iria dar ao Ipiranga. Os brasileiros viam claro. Restava apenas estimular os brios e aguçar a ambição do jovem príncipe, homem novo, cheio de audácia, rapaz arrojado, com o espírito voltado para a glória e para os feitos retumbantes.

Pedro I era filho do príncipe regente, D. João VI e da princesa real, D. Carlota Joaquina, tendo nascido no Paço de Queluz aos 12 de outubro de 1798. Com a morte do seu irmão Antônio passou a ser o herdeiro da coroa portuguesa, recebendo nessa ocasião o título de príncipe da Beira. Desde os primeiros anos teve como preceptor o Dr. José Monteiro da Rocha, lente da Universidade de Coimbra. Em 1807 foi o pequeno príncipe nomeado Condestável do Brasil e por essa época quase que veio sózinho para aqui, devido ao receio que tinha o seu progenitor dos projetos de Napoleão. A 28 de novembro de 1807 partiu para o Brasil a família real portuguesa e com ela vinha o príncipe D. Pedro.

As frequentes rixas entre D. João VI e D. Carlota Joaquina contribuíram para que a educação ministrada ao jovem príncipe não fosse das melhores. Apesar disso, D. Pedro conseguiu aprender as línguas, acabando por falar corretamente o francês e compreender o inglês e o italiano, adquirindo também conhecimentos sobre história natural.

O primeiro imperador do Brasil possuía talento. Era volúvel e vaidoso, mas bastante franco, generoso, liberal e ativo. Herdou de Pedro os dotes comuns dos príncipes de Bragança. Sabia escrever músicas e compor peças sacras e profanas. Era um violinista de mérito, possuindo habilidade para tocar qualquer instrumento. Pintava e esculpia sobre madeira de modo digno de apreço. Escrevia com muita facilidade e imaginação e era um poeta mediocre. Faltava-lhe, entretanto, uma cultura geral. Rapaz de vida solta, amigo das caçadas e dos passeios a cavalo, não sentiu na mocidade aquele desejo de ilustração.

A revolução constitucionalista do Porto, marca o início da vida política do príncipe D. Pedro no Brasil. Ante os protestos da população fluminense ele jura, em nome do pai, as bases da Constituição portuguesa e manda dissolver os eleitores que se haviam reunido na Praça do Comércio.

Os primeiros meses de Regência foram para o jovem príncipe bem difíceis. Escasseavam-se os recursos financeiros e diminuía a autoridade real.

Contudo, ele se houve com extraordinária energia e habilidade não se comprometendo com os partidários da secessão brasileira, ao mesmo tempo que fazia frente à tirania parlamentar recolonizadora do Brasil.

Passam-se os dias. Aos poucos o príncipe começa a sentir-se atraído pelo sentimento nacional. Quando se soube no Brasil que as Cortes queriam obrigá-lo a regressar para a Europa, desenhou-se desde logo um grande movimento, a cuja frente se encontravam, no Rio, Léo José Clemente, Januário, Rocha e Nóbrega, e em São Paulo, os Andradas.

Surgiu daí o "Fico", a primeira e grande demonstração de rebeldia de D. Pedro em prol da autonomia do Brasil. Aos poucos foi o príncipe regente consolidando a sua autoridade e em janeiro de 22 formava o primeiro gabinete nacional, entregando a presidência do mesmo a José Bonifácio. A partir daí o glorioso santista foi o guia e o mentor do regente em todos os momentos difíceis da sua vida, à frente dos destinos do Brasil.

Aquela noite, depois do jantar, Paulo abriu um livro e leu:

— "A economia é a base da prosperidade. Quando o Al Shanwich chegou à Califórnia, possuía apenas um botão de colarinho e ao morrer deixou cinquenta milhões".

— E para que queria tantos botões de colarinho? — perguntou Paulina.

— O que quero dizer — respondeu Paulo, com a paciência que o caracterizava — é que deixou cinquenta milhões de dólares!...

— Ah! Era uma metáfora!...

O espóso continuou a leitura:

— "A economia tem sido praticada até pelos povos mais selvagens. Os antropófagos da Oceânia, sem ir mais longe, quando lhes sobra um quadril de explorador ou um coração de missionário, costumam guardá-lo para o dia seguinte. Os próprios cães enterram os ossos, e deve-se em grande parte a isso o conforto que hoje gozamos. A economia é uma das colunas de Hércules, que sustém o edifício social, e a prodigalidade seu calcanhar de Aquiles.

— Salta por cima das descrições e lê o pedaço em que ela está presa na gruta e vem uma corça branca cumprimentá-la — pediu Paulina, disfarçando um bocejo:

— Não, querida, esse livro não é Genoveva de Brabante, como te prometi, mas um tratado de economia doméstica aparecido recentemente em Nova Iorque e cuja leitura apaixonou as artistas de cinema.

— Greta Garbo também está apaixonada? — perguntou a jovem espósa, olhando-se no espelho da cristaleira para comprovar a sua parecença com a famosa estrêla.

— Sem dúvida alguma! — foi a estimulante resposta de Paulo. E acrescentou logo: — quisera que lesse esse livro nas tuas horas de ócio, porque realmente estamos gostando muito.

"A vida nem sempre é um mar de rosas", pensou Paulina que amava os refrões, e costumava confundir-os com tudo o mais. Mas como era excelente espósa e amava seu Paulinho, resolveu economizar de acordo com o livro e com Greta Garbo. E para demonstrar que seus ensinamentos não haviam caído em saco furado, disse:

De AGNALDO AMADO



As "ultimatum" das Cortes lisboetas, responde com o brado de sete de setembro. Ali, às margens do rio Ipiranga, D. Pedro afirmou à face do mundo a existência da nação brasileira.

ONDE FICA DEMONSTRADA A CONVENIENCIA DA ECONOMIA, E QUE OS LIVROS SÃO OS MAIORES AMIGOS DO HOMEM

De MARK TWAIN

— A primeira coisa que precisamos fazer é mudarmo-nos para uma casa que tenha muito fundo.

— Pensas em plantar batatas? — perguntou Paulo, encantado pela boa disposição de sua mulherzinha.

— Não, mas preciso de terreno porque do contrário não terei onde enterrar os ossos como aconselha o livro.

— Mas, querida, não deves tomar os ensinamentos desse tratado ao pé da letra. Só os cachorros é que enterram ossos. Isso é apenas um exemplo.

— Ah, tiraste-me um peso de cima, porque essa história de comer explorador não me agradava nada. Vamos ler mais um pedaço que agora já estou compreendendo.

O espóso leu:

— "Uma fábrica de produtos alimentícios da Pensilvânia economizou cinquenta dólares mensais de tinta, suprimindo um dos dois nomes que usava na propaganda.

— E eu que assinei a carta que escrevi a tua madrinha, com os quatro sobrenomes!... De hoje em diante só escreverei cartas sinônimas!

— Anônimas, queres dizer. Mas não é nisso que poderemos fazer economia. Poderíamos começar suprimindo a criada, por exemplo.

— É verdade, mas se a despedirmos, terei mais trabalho e não me sobrá tempo para ler o livro — objetou ela, com muito critério. E acrescentou: — embora, pensando bem, poderíamos almoçar em um restaurante, depois, como fica na passagem poderíamos entrar no cinema e assim nos sobrá muito tempo para ler o livro. Quantos dólares pensas que poderemos economizar por mês, assim?

— Não sei. Mas ouve: "A espósa do general Grant fazia calcinhas muito vistosas para seus filhos, com os uniformes velhos do herói. De onde se deduz que o amor pela pátria não só não está brigado com a economia doméstica, senão que é um dos seus esteiros.

A 12 de outubro é proclamado imperador do Brasil e a 1 de dezembro, solenemente coroado. No ano seguinte o Brasil se libertava definitivamente do domínio luso, após o triunfo da revolução baiana sobre Madeira de Melo.

Inicia-se para o país uma era nova e com ela as lutas partidárias. Os triunfadores perseguiram os vencidos. É nesse ambiente denso que surge a Assembléa Constituinte. O imperador quer saber de tudo, para tudo resolver. E deste modo fomentava sem querer a idéa oposicionista que então se esboçava no seio do parlamento. Quando mais acêsa se demonstrava a campanha contra o governo, D. Pedro dissolve a Assembléa ordenando a deportação dos "leaders" da oposição, entre os quais se encontrava José Bonifácio.

Bastou este ato para incrementar a impopularidade do jovem imperador que já não se importava muito com os negócios do Estado. A sua favorita, a marquesa de Santos, tomava-lhe todo o tempo. O governo, a administração, os negócios do Brasil, ficariam para depois.

A revolução pernambucana de 1824 aparece então como a primeira demonstração do espírito reacionário do povo brasileiro contra

as tendências absolutistas de D. Pedro.

A 25 de março de 1824 era assinada a nova Constituição do império e dois anos depois reunia-se a primeira Assembléa Legislativa.

Desenha-se novamente insana a luta entre o imperador e o legislativo. O filho de D. João VI era demasiado voluntarioso para se submeter às imposições de partidos. O seu ideal era governar o país como um soberano absoluto. Homem de simpatias e antipatias, para ele não tinha importância os anseios da opinião pública. Mas lhe valia nos conselhos da sua linda marquesa. As complicações se sucedem com mais frequência. A tentativa da independência da Cisplatina e as complicações do sul vieram mostrar a indecisão e fraqueza da política imperial.

Em 1826 morre-lhe o pai, tendo antes reconhecido a independência do Brasil. Com a morte de D. João VI foi o imperador do Brasil aclamado rei de Portugal, com o nome de Pedro IV. Não lhe fugiu da mente a idéa de cingir a dupla coroa, mas ante a formal recusa à consulta feita ao Conselho de Estado, teve de recuar do seu intento, abdicando em favor da filha mais velha, D. Maria da Glória, passando a regência à sua irmã D. Maria Teresa.

No Brasil as coisas iam de mal a pior. A morte da imperatriz e as cenas deprimentes desenroladas em torno de seu leito de agonia, trouxeram ao monarca um acréscimo imenso de antipatias.

A oposição chegou a um ponto que pela primeira vez ele temeu a sua voz, despedindo a marquesa e procurando uma segunda espósa, tarefa que não lhe foi muito fácil. A 16 de outubro de 1829 o imperador do Brasil a bela princesa hávara, Amélia de Beaucharnais, filha do príncipe Eugênio, cunhado de Napoleão I vice-rei da Itália.

Por essa época não escondia o imperador o seu completo desintéresse pelas coisas do Brasil. A notícia da usurpação do trono português pelo seu irmão D. Miguel, fizera nascer em seu cérebro uma onda de desforço. De outro lado, a oposição liberal o irritava a cada instante. Empreende uma viagem à Minas com o intuito de conciliar as simpatias em torno de seu nome. Mas por toda a parte por onde passou, notou D. Pedro o quanto estava impopular. A 7 de abril de 1831 abdicava o primeiro imperador do Brasil em favor de seu pequenino filho, D. Pedro II, entregando a sua educação e dos seus demais filhos àquele que por sua ordem fora deportado. Nesse mesmo dia, a bordô da fragata "Volage" deixava o Brasil em companhia da princesa, D. Maria II.

Não ficou aí, entretanto, a ação de Pedro I. Deixando a família em Paris, organizou uma pequena expedição dirigida aos Açores, que se achava em poder do conde de Vila Flor. A 3 de março de 1822, assumia o ex-imperador a regência de Portugal, em nome da filha e no ano seguinte, após teríveis investidas de sua gente, obrigou os miguelistas a resignarem, entregando Lisboa.

A 1 de junho de 34 partia D. Miguel para o exílio, levando consigo avultada pensão dada pelo irmão. Isso bastou para que D. Pedro fosse insultado e apedrejado nas ruas de Lisboa, sofrendo certa vez no Teatro São Carlos teríveis apupos.

Por esta época sentia o ex-imperador a morte se aproximar. As Cortes de Lisboa confirmaram-lhe a Regência. Mas logo depois foi obrigado a declarar no Parlamento que se achava nos seus últimos dias de vida, solicitando fosse decretada a maioridade de Maria II.

E, em 24 de setembro de 1834, falecia em Queluz, no próprio quarto onde nascera, o primeiro imperador do Brasil.

Conta-se que nos seus últimos momentos mandou chamar um soldado do seu batalhão predileto, a quem abraçou, pedindo que em seu nome se despedisse de todos os soldados do 5.º batalhão.

CONTOS DA NIGÉRIA

JANE RUSSEL, a "estrela" que está revelando de uma forma assombrosa o seu talento multiforme, é hoje uma das mais notáveis artistas de Hollywood. O seu novo trabalho em "Fóra da Lei" é qualquer coisa de maravilhoso e dá a impressão certa de que será, em futuro muito próximo, essa jovem de formas impecáveis que se adaptou tão facilmente ao cinema norte-americano, a ponto de deixar muito para trás outras companheiras de trabalho com "pedregres" dos mais brilhantes



A ESFINGE

De OSCAR WILDE

Num canto sombrio de meu quarto, durante tanto tempo que não pode conceber a minha imaginação, uma linda e silenciosa Esfinge me contemplou nas trevas. Intangível, imóvel, não se ergue, não faz movimento algum. Pois a lua prateada nada é para ela, como naa é o sol. No espaço, o rubro vem depois do cinza; as vagas do luar sobem, descem, mas vem a aurora e ela não se vai, quando volta a noite, ela está aí.

A aurora segue a aurora e as noites caminham para o declínio, e durante todo este tempo a gata singular continua estendida sobre o tapete chinês, com os seus olhos de cetim bordados a ouro. Fica deitada sobre a esteira, olha obliquamente e em seu pescoço o pêlo macio e sedoso, cor de carvalho, ondula até as orelhas pontudas. Aproxima-te, meu delicioso senecal, que dormitas em tua pose de estátua. Aproxima-te, sêr estranhamente grotesco, meio mulher, meio animal.

Aproxima-te, minha encantadora, minha langorosa Esfinge, e vem pousar a tua cabeça em meu colo; deixa-me acariciar-te. Deixa que eu toque nestas garras recurvas de marfim amarelo, e que tome com ambas as mãos esta cauda que, como uma serpente monstruosa, se enroscava em torno de tuas patas de veludo. Um milheiro de pesados séculos te pertence, ao passo que eu apenas vi cerca de vinte estios trocarem sua libré verde pela libré mosqueada do ótono.

Mas tu sabes ler os hieroglifos nos grandes obeliscos de pedra e conversaste com os basiliscos. Oh! conta-me, estavas presente quando Isis se ajoelhava diante de Osiris e viste a Egípcia derreter a pérola para Antônio, e beber o vinho enebriante com a jóia e, fingindo temor, curvar a cabeça para ver o colossal pré-cônsul tirar da espuma o atum sagrado?

Viste a Cipriota quando beijava o branco Adonis sobre o leito fúnebre? Seguiu Amenalka, o Deus de Heliópolis? E conversaste com Thoth, e ouviste chorar Io, coroada e cornos lunares e conheces-te os reis pintados que dormem sob a Pirâmide? Ergue os olhos, teus grandes olhos de cetim negro. Vem deitar-te a meus pés, Esfinge, e conta as tuas memórias.

Fala-me da Virgem judia que la errante com o Menino Sagrado, e como os guiaste pelo deserto e como eles dormiram à tua sombra. Conta-me a tarde verde, cheia de perfumes em que, deitada à margem do rio, viste passar a barca dourada de Adriano e ouviste o riso de Antinous.

Narra-me o labirinto que servia de estábulo ao touro de dupla forma. Fala-me das noites em que deslizavam pelo granito do templo, onde o ibis escarlate esvoaçava pelos corredores de púrpura, gritando de susto, e do horrível orvalho que corria gota a gota das mandrágoras plangentes e do enorme e sonolento crocodilo que derramava suas lágrimas lamacentas e voltava para o Nilo, cavilante...

E como os sacerdotes te amaldiçoavam os salmos cantados com voz aguda. Quais eram os teus amantes? Quais os que lutavam por ti no pó? Eram os lagartos gigantes que se vinham deitar diante de ti entre os caniços das margens? Grifons de vastos flancos... O monstruoso hipopótamo vinha ao teu encontro, no nevoeiro? Eram os dragões de escamas de prata que se torciam em complicados nós, loucos de paixão se passavam por eles?

Ou tinhas hóspedes secretos, ou levavas para tua morada alguma Nereida envolta em espuma de âmbar, com seios bizarros em cristal de rocha? Ou ias visitar Sidonana morena e pedir-lhe notícias de Leviathan, ou de Bêhemoth?

Ou amaste o Deus das Mósas, que atormentou os hebreus e que se sujava de vinho até à cintura, ou o Deus Pasht, que tinha por olhos berulos verdes? Talvez fôsse o jovem Deus Tyrio, mais amoroso que a pomba de Astaroth? Ou amaste o Deus Assírio, cujas asas de mica estranha e transparente iam acima de sua cabeça de falcão...

Ou o enorme Apis pulou de seu carro para atirar aos teus pés grandes flores de nenufar, que têm o perfume e a cor do mel?...

Como é sutil o teu sorriso! Será possível que nunca tenhas amado? Não, eu bem sei, foi o grande Ammon...

Os cavalos aquáticos viram-no vir, todo perfumado de galbanum da Síria, todo impregnado de tomilho. Ele seguiu a beira do rio com uma galera de velas de prata. Ia a passos largos através das águas, todo coraçado de beleza e as águas se afastavam. Ia a passos largos pelo deserto. E chegou ao vale em que estavas.

E muitos beduinos barbados afastam o albornoz de listras amarelas para lançar um olhar longo sobre os músculos titânicos daquele que foi em tempos, o teu paladino...

Vai pois procurar os fragmentos pela estrada e levá-los com o orvalho da noite, e refaz com estes pedaços, o teu apaixonado mutilado...

A TARTARUGA E O ANHO

"Uma vez a tartaruga convidou o cordeiro a uma festa em casa dos sogros dela. Partiram. A tartaruga levava uma sacola, com uma faca e uma colher dentro. Quando chegaram mesmo ao pé do lugar, a tartaruga pendurou o saco ao ramo de uma árvore e andou para casa.

Uma vez chegados lá, puseram diante dos dois hóspedes uma gamela com sopa e um naco de carne; a tartaruga mandou logo o anho buscar-lhe ao saco a colher que lá deixara. O cordeiro foi; mas antes que tivesse tido tempo de voltar, a tartaruga sorvera já a sopa toda. Ralhou então ao cordeirinho de ele ter sido tão vagaroso e disse que fôsse buscar a faca à sacola, para partirem a carne, e guardar a colher, que já não era precisa.

O anho foi fazer o que lhe mandavam, mas antes de ele ter tido tempo de voltar, já a tartaruga tinha devorado a carne. Ralhou muito ao borreguinho, que andava tão devagar, e mandou-o tornar a pôr no sítio a faca e trazer a tigela, para beberem vinho de palma.

Veio o anho com a tigela; e a tartaruga, com o vinho já todo bebido, tornou-lhe a ralhar pelos vagares com que ele andava.

Passaram-se dois dias: e, a todos os comerem, a tartaruga logrou sempre o cordeirinho com semelhantes ordens de dança e contra-dança.

Tratava-se de irem embora. A tartaruga pôs-se a olhar para a barriga do anho e lembrou-se que a mãe dêle se iria arrelhar, quando a companheira do filho lho fôsse entregar tão chupadinho!

Disse então ao inocente que metesse a bôca a uma pia, que ali estava, de água suja e que chupasse para dentro até ela dar sinal de parar, para verem o que estava no fundo. Assim fêz o cordeirinho, e a tartaruga mandou-o parar quando lhe viu a barriga inchada como um odre.

Foram-se embora. E quando chegaram à casa da ovelha, vendo esta cheio o bandulho do filhinho, deu muitos louvores à filha do sapo concho por lho ter tratado tão bem naquele passeio de festa...

A tartaruga retirou, porém, muito, lampeira, com medo de estar ainda perto quando a mãe tirasse o tapulho ao filho (1), o odre se esvaziasse e se descobrisse o lôgro...

A TARTARUGA, O CÃO BRAVO E O ELEFANTE

"Um dia a tartaruga e o cão do mato apostaram quem chegaria mais depressa a certa povoação. O cão abalou com uma grande risa-

De J. ALVES CORRÊA

da e a tartaruga moveu-se pesadamente e ficou para trás.

O cão, que sabia o que valiam as patas da tartaruga, resolveu fazer uma digressão no caminho e foi caçar. A tartaruga espiou a passagem de um caminheiro caridoso e, vendo passar o elefante, fêz-se doente e suplicou-lhe que a levasse até a povoação, para onde disse que tinha ido o pai dela, deixando-a à fome.

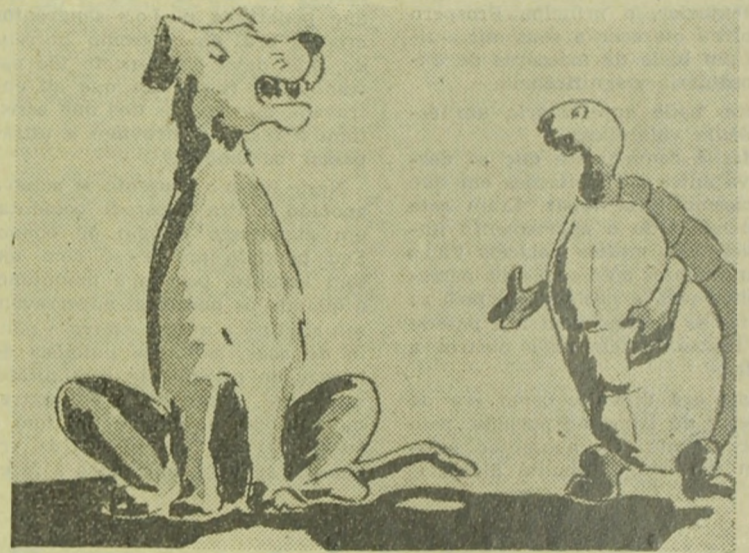
O elefante teve pena. Pegou na tartaruga com a tromba e pô-la às costas, continuando sem incômodo o seu caminho com passadas de gigantão.

O cão viu passar o elefante, mas não viu a tartaruga muito encolhida numa ruga do dorso e pôs-se a ladrar divertido atrás do elefante. Este entrou na povoação sem se incomodar com os ladrados. Mal tinha transposto as portas da cidade, a tartaruga empinou-se-lhe no dorso e começou a gritar ao cão que vinha atrás:

— "Não disse eu que havia de entrar na cidade a cavalo, no cavalo grande, escravo de meu pai?"

UMA DESAFINAÇÃO

"O conto seguinte, com que vamos rematar, não deixa de me surpreender. A tartaruga manhosa ainda encontrou manhoso maior que a logrou!



Este conto vem de Adazi, simpático povo, tão amável e tolerante como céptico e com laivos de livre-pensador.

"Uma vez os cristãos da Escola espíriam um cabrito consagrado ao *alusi*.

(Já expliquei que *alusi* é para os Ibós o que os Jorubanos negros de Nina Rodrigues chamam *orixá*: é o deus). Foram de noite ao bosque sagrado, apanharam-no e fizeram uma boda.

"Denúncia ao chefe. Julgamento! Se fôsse em Onitsha ou terra mais fanática, era morte.

Pois o chefe de Adazi deu esta sentença: O *alusi*, se quiser, que se vingue. Nós não precisamos de ajudar, se ele quiser matar os alunos do branco.

A TARTARUGA E A JOANINHA

"A joaninha estava a espreitar e viu como a tartaruga abusara da candura do anho. (Vide conto respectivo...).

Encontrou-a depois a filha do sapo concho e pediu-lhe que a acompanhasse também a casa dos sogros. A joaninha disse que sim e foram, mas a joaninha também levava a sua sacola.

A tartaruga pendurou o saco fora de portas, mas a joaninha foi levando o dela.

Veio a comida, e disse a tartaruga:

— Minha rica joaninha, vais-me buscar a colher, que eu deixei lá fora no saco?

— Não é preciso, minha senhora: eu tenho um par delas.

— Não quero, sua gulosa, responde a tartaruga zangada. Come tu então sôzinha, e que te farte!

Assim fêz a joaninha. E assim aconteceu cada vez que veio mais comida, ficando a tartaruga à fome, porque não quis comer com a pobre joaninha.

Vendo que a não podia enganar, a tartaruga quis perdê-la e sorrateiramente escondeu a bolsa de seus sogros no saco da joaninha.

Quando os sogros começaram a procurar a bolsa, disse a filha do sapo concho que no saco de quem a bolsa encontrasse, fôsse o dono do saco punido de morte. Mas não sabia a manhosa que a joaninha tinha dado pela manha e já tinha tirado a bolsa do seu próprio saco e a tinha metido às escondidas no da tartaruga.

Foi encontrada a bolsa no saco da filha do sapo concho; ela então pôs-se a chorar e a dizer que era proíbido que o sogro não se pode manchar com o sangue da nora; e que assim só lhe restava a ela encontrar vítima expiatória por si; que esta seria aquela em cuja cabeça fôsse encontrado um barrete.

Foram dormir e, enquanto todos dormiam, levantou-se a joaninha e pôs muito devagar o seu próprio barretinho na cabeça da tartaruga. De manhã, acordando a tartaruga de barretinho na cabeça, quis o sogro matá-la, mas a tartaruga chorou outra vez e disse que ia a casa e trazia outra vítima expiatória.

Puseram-se a caminho, a joaninha e ela. A joaninha voou adlan-

te e deixando-se cair no chão, encolheu-se como um grão de dinheiro (2).

Veio a tartaruga e, encontrando o "grão de dinheiro", meteu-o no saco.

Assim que se viu no saco, a joaninha desencolheu-se e comeu um farnel de carne que lá havia.

Ao chegar a casa, a filha do sapo concho abriu o saco, mas só lá estava dentro a joaninha, que voou numa risada.

A tartaruga irou-se muito e a joaninha, sempre a rir, pousou na cabeça do filho mais velho da tartaruga. Esta pegou um pau e quis matá-la, mas a joaninha voou, e a pancada matou o filho da tartaruga.

A joaninha pousou então na cabeça mesma da filha do sapo concho. Esta, sempre irada, começou a subir a uma árvore muito alta, para se deitar dela abaixo e esmagar a joaninha, caindo por cima dela. Mas a joaninha deixou-a subir e quando ela se deitou abaixo, a joaninha voou e quem morreu foi a tartaruga.

A joaninha cortou-lhe então a cabeça; foi-se ao filho dela, morto antes, e cortou-lhe a cabeça também.

A cabeça do moço sapo concho, foi dá-la à ovelha queixosa, mãe do cordeirinho enganado; a da tartaruga velha, guardou-a para si, para mostrar a todos que é bichinho valente".

(1) Alude ao costume bárbaro das mães indígenas que lavam os seus bebês por fora e por dentro!

(2) "Nkpulu êgô", grão de dinheiro, é a conchinha, moeda indígena.

GONÇALVES DIAS JULGADO POR CAMILO

Camilo Castelo Branco foi muito cruel ao apreciar a obra de alguns poetas brasileiros. Em compensação nutriu uma verdadeira admiração por Gonçalves Dias, aliás, uma das mais puras e admiráveis expressões das letras pátrias. A respeito de Gonçalves Dias, Camilo escreveu o seguinte:

"Os quilates deste poeta brasileiro eram os da melhor moeda, quando a sua poesia circulava no coração das mulheres pálidas, e ruborizava o sangue das pulsações mais vitais da sua fisiologia... Gonçalves Dias morreu coroadado imperador da lira americana; sumiu-se tragicamente no mar, como Elias no azul, quando o seu nome era o símbolo da musa cisatlântica, e a sua vida, um pouco falida de dinheiro, uma glória nacional".

A "Morte Rubra" havia devastado a região. Nenhuma peste foi mais fatal e horrenda. O sangue era seu símbolo e seu selo, o sangue rubro e terrível. Depois de dores agudas e um entorpecimento repentino, o sangue começava a sair pelos poros e vinha logo a morte. As manchas escarlates no corpo e principalmente no rosto da vítima eram o indício da peste que o afastava do auxílio e compaixão de seus próximos. O começo, progresso e fim da enfermidade não duravam mais de meia hora.

Porém o príncipe Próspero era feliz, temerário e sagaz. Quando a população de seus domínios ficou reduzida a metade, chamou à sua presença mil amigos sãos e despreocupados, escolhidos entre as damas e cavalheiros de sua corte e com eles se retirou para um dos seus castelos, absolutamente afastado. Era um grande edifício de aspecto magnífico, produto do gosto excêntrico, ainda que majestoso, do príncipe. Rodeava-o um elevado e forte muro com portas de ferro. Os cortezãos, uma vez dentro, soldaram os ferrolhos. Havia resolvido não deixar meio de entrada e saída aos repentinos impulsos do desespero ou ao frenesi dos que se encontravam da parte de dentro. O castelo foi provido de viveres. Com essas precauções os cortezãos podiam desafiar o contágio; o resto do mundo que tratasse de si. E era preciso distraírem-se e não pensar mais na praga. O príncipe levava todos os acessórios do prazer; havia ali bufões, improvisadores, bailarinos, música, beleza e vinho. Tudo isso e segurança, também. Fora, ficava a "Morte Rubra".

Estava-se no fim do quinto ou sexto mês desse desterro, quando a peste assolava com mais furor no exterior, o príncipe Próspero resolveu oferecer a seus mil amigos um baile de máscaras de extraordinária magnificência.

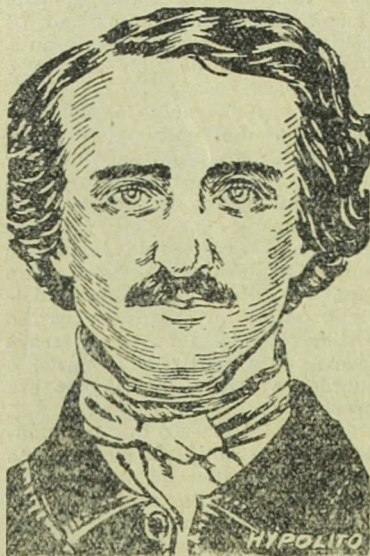
Esse baile apresentaria um espetáculo voluptuoso.

Mas é conveniente que se descreva antes as habitações em que o mesmo teria lugar. Eram sete câmaras, todo o apartamento imperial. Em muitos palácios tais apartamentos oferecem uma perspectiva reta e prolongada, pois as portas se dobram contra a parede de tal modo que nada obstrói a vista.

Este era distinto, como era de esperar do amor do príncipe pelo extravagante. Os aposentos estavam tão irregularmente dispostos

A máscara da morte rubra

★
Conto de
EDGAR ALLAN POE



que os olhos não chegavam a ver mais de um de cada vez. À direita e à esquerda, em meio de cada parede, abria uma janela para um corredor fechado, que acompanhava as voltas do apartamento. Estas janelas eram de vitrais, cujo valor variava de acordo com o tom predominante das decorações da habitação. A do extremo este, por exemplo, era decorada de azul e azul eram as suas janelas. A segunda tinha adornos e tapetes púrpuros e os vidros eram da cor de púrpura. A terceira era inteiramente verde, e verde eram os cristais. A quarta estava adornada de alaranjado; a quinta de branco e a sexta de violeta. O sétimo aposento estava atapejado de veludo negro que cobria o teto e as paredes e caía em pesadas pregas sobre um tapete do mesmo tecido e cor; só neste aposento o tom dos vitrais não correspondia ao da decoração. Os cristais eram de uma tinta escarlata sangrenta. Em nenhum dos sete quartos havia, entre a profusão de ornamentos de ouro, um único candelabro ou lâmpada. Dentro dos aposentos não se via nenhuma fonte de luz, porém nos corredores que os rodeavam, num pesado tripóide com seu correspondente brasileiro, ardia um fogo cujos raios atravessavam os vidros de cores, que iluminavam a câmara. Deste modo, produzia-se uma multidão de visões graciosas e fantásticas; porém no aposento ocidental, ou seja, o decorado de negro, o efeito da luz que penetrava pelos sangrentos cristais era, em extremo horrendo, pois dava um aspecto tão estranho aos rostos dos que ali entravam, que poucos dos que assistiam à festa se atreviam a ultrapassar os umbrais.

Neste mesmo aposento se achava apoiado contra a parede ocidental um gigantesco relógio de ébano. Seu pêndulo movia-se com um som lúgubre, pesado e monótono, e quando os ponteiros encerravam seu circuito e a hora estava a ponto de soar, saía dos pulmões de bronze do relógio um som nítido, estridente, profundo e em extremo musical, porém de um tom e ênfase tal que os músicos da orquestra se viam obrigados a fazer

uma pausa em sua execução, para escutá-lo; logicamente, os bailarinos cessavam suas evoluções e um breve desconcerto reinava naquela alegre festividade. Enquanto durava o soar, era dado observar que os mais débeis empalideciam, e os mais fortes e serenos passavam sua mão pela fronte, como se fôssem vítimas de algum sonho confuso ou se os atormentasse a meditação. Porém, uma vez cessados aqueles ecos, a alegria voltava a reinar. Os músicos olhavam uns para os outros e sorriam como ironizando sua própria nervosidade e imaginação e juravam-se em suaves murmúrios que, na próxima batida, não se produziria neles emoção similar. E logo, quando havia passado o período de sessenta minutos — que abarcam três mil e seiscientos segundos do Tempo que foge —, chegava um novo eco do relógio e o desconcerto e a meditação voltavam a reinar como antes.

Todavia, apesar disto, a festa se realizou alegre e magnífica. Os gostos do príncipe eram exquisitos; tinha bons olhos para as cores e os efeitos e depreciava as decorações impostas pela moda. Seus planos eram atrevidos, quase selvagens e suas concepções brilhavam com bárbaro esplendor. Alguns consideravam-no louco, porém seus companheiros compreendiam que não o era; mas era necessário escutá-lo, vê-lo e tocá-lo para que se pudesse convencer disto.

Havia dirigido grande parte da decoração das sete câmaras, por ocasião da festa, e seu próprio gosto deu caráter aos disfarces. Por certo que eram grotescos. Havia muito brilho e esplendor, muito de picante e fantástico, muito do que se tem visto depois em "Hernani". Viam-se figuras arabescas com membros e acessórios estranhos, fantasias de delírio, dignas da criação de um louco; havia muito de beleza, muito de picardia, muito de extravagância, algo de aterrador e não pouco do que poderia causar repugnância. Pelos sete aposentos perambulava, daqui para ali, uma multidão de sonhos que pareciam agitar-se tomando a cor da câmara e fazendo com que a música da orquestra parecesse o eco de seus passos. De vez em quando ouviam-se os sons do relógio de ébano que estava na sala de veludo. Por um momento calava tudo, exceto a voz do relógio. Os bailarinos ficavam imóveis, onde estavam. Mas os ecos do soar desvaneciam-se depois de durar apenas um instante e uma alegre embora temerosa gargalhada seguia sua desapareição. Novamente soava a música, viviam os fantasiados e iam de um lado para outro, tomando a cor dos multicores vitrais, através dos quais passavam os raios das fogueiras. Entretanto, na câ-

ram-no agitar-se no primeiro momento com um tremor de horror ou desgosto, porém em seguida sua fronte carregou-se de ira.

— Quem se atreve, disse, a insultar-nos com esta burla e esta blasfêmia? Prendam-no e tirem-lhe a máscara, para sabermos a quem temos de enforcar amanhã ao amanhecer!

Quando o príncipe Próspero pronunciou estas palavras, encontrava-se na câmara oriental, ou seja a azul. Sua voz ressoou claramente nas sete salas, pois o príncipe era valente e vigoroso e a música havia cessado a um gesto de sua mão.

O fato se passou no quarto azul, como já disse, onde se achava o príncipe, rodeado de um grupo de pálidos cortezãos. Ao falar, houve um movimento geral no dito grupo em direção ao intruso que se achava perto, porém que, com passo firme e deliberado, neste momento se aproximou do príncipe. Mas o terror inqualificável, que o horrível aspecto do mascarado inspirava a todo o grupo, era tal que ninguém se atreveu a estender a mão para apressá-lo; assim, sem obstáculo algum, passou a um metro do príncipe e, enquanto a numerosa assembléia, como num impulso geral se retirava do centro das salas para as paredes, ele prosseguia seu caminho sem que o interrompessem, sempre da mesma maneira firme, imperturbável e medida, e passou do quarto azul ao de púrpura, do de púrpura ao verde, do verde ao alaranjado, deste ao branco, para chegar ao violeta sem que movimento algum o detivesse.

Então, o príncipe Próspero, louco de raiva e envergonhado de sua momentânea covardia, atravessou precipitadamente as sete salas e ninguém o seguiu por causa do terror mortal que se havia apossado de todos. Puxou um punhal e já havia chegado a três ou quatro passos do sombrio personagem quando este, já no extremo da sala de veludo, voltou-se de chofre e fez frente ao seu perseguidor. Ouviu-se um grito agudo e o punhal caiu da mão do príncipe sobre o escuro tapete no qual, instantaneamente caía também morto, o príncipe Próspero. Só aí tirando forças do desespero, os convidados precipitaram-se para o aposento sombrio e ao avistar o mascarado cuja alta figura se mantinha rígida e imóvel na sombra do relógio de ébano, sentiram-se possuídos de um terror indescrevível, pois aquela mortalha e aquela máscara cadavérica que com tanta violência sacudiam, não estava sustida por nenhuma forma tangível.

Conheceu-se, assim, a presença da "Morte Rubra".

Havia entrado como um ladrão. E um por um caíram os convidados nas salas regadas de sangue, que pouco antes haviam sido testemunhas de sua orgia. A vida do relógio acabou com a dos últimos cortezãos. E, expiraram também as chamadas dos tripóides. A Sombra, a Ruína e a "Morte Rubra" exerceram, finalmente, seu ilimitado domínio sobre tudo.

mara que se achava mais para oeste, nenhum dos mascarados se atrevia a entrar, pois a noite já estava por terminar e uma luz mais rubra atravessava os vidros sangrentos. O negro das cortinas inspirava terror e aos ouvidos daqueles que pisavam o negro tapete, o relógio de ébano fazia chegar um apagado repique, mais solenemente enfático do que o que chegava aos ouvidos dos que se divertiam nas outras salas.

Estas estavam cheias de vida e de gente. A orgia continuou em sua loucura, até que o relógio começou a bater as doze horas. Mais uma vez, cessou a música, os dançarinos detiveram suas evoluções, e tudo ficou paralisado. Mas, desta vez eram doze as batidas do relógio e sucedeu que devido talvez ao maior espaço de tempo, os presentes se abismaram numa mais profunda meditação. E foi assim que antes que o eco da última campanada se fundisse no silêncio, várias pessoas da festa notaram um mascarado que até então não havia chamado a atenção de ninguém. Como o rumor sobre a presença deste novo personagem se estendesse por todas as partes, surgiu entre os concorrentes um murmúrio que expressava desaprovção e surpresa e logo terror, horror e repugnância.

Em uma reunião de fantasmas tal qual descrevi, bem se poderia supor que uma aparição vulgar não haveria causado tal estupor. A falar verdade, a licença para todos os disfarces era ilimitada, porém a figura em questão havia sobrepujado ao próprio Herodes e ido além dos limites do decóro deste príncipe. Há fibras no coração dos mais viciosos que não podem ser tocadas sem causar emoção; até para os mais perdidos, para aqueles que encontram motivo de prazer tanto na vida quanto na morte, há temas com os quais não se pode brincar. Por certo que ninguém, na festa, encontrava graça nem propriedade naquela fantasia, nem no aspecto daquele estranho. Era alto e delgado, e estava envólto dos pés à cabeça com roupas de um túmulo. A máscara que ocultava seu rosto assemelhava-se tanto ao de um cadáver que o examinador mais minucioso teria tido dificuldade em descobrir a fraude. No entanto, os dissolutos teriam tolerado e talvez mesmo aprovado isto; porém o estranho havia chegado a representar a "Morte Rubra". Suas roupas estavam manchadas de sangue e tanto a frente, como os outros lados do rosto, estavam salpicados com a horrível mancha escarlata.

Quando os olhos do príncipe Próspero se fixaram nessa imagem espectral — que passeava, lenta e solenemente, entre os bailarinos, como se quisesse caracterizar melhor o seu papel — vi-

A curiosa origem dos esquimais

O dr. Diamond Jeness, diretor da secção de antropologia do Museu Nacional do Canadá, afirmou que os esquimais da América do Norte são oriundos da Sibéria, de onde emigraram para a América, em duas épocas diferentes, em vários séculos, uma após outra.

Todos os arqueólogos reconhecem, declarou esse antropologista, que existem três culturas diversas, no que se refere aos antepassados dos nossos esquimais. A primeira, chamada cultura do Mar de Bering, estendia-se a Alaska, Sibéria e ilhas do Mar de Bering. A segunda é a dos Thules, oriundos de Alaska ou Sibéria, mas que se fundiu extraordinariamente na direção leste. A terceira corresponde aos Dorsets, que se conservou dentro dos seus limites orientais. Esta última foi, em certos aspectos, semelhante à do Mar de Bering, e é notável pelos vestígios que nos legou, mais em instrumentos, semelhante à do Mar de Bering polida. Neste ponto, assemelha-se mais à civilização índia do que a esquimau.

Significativo é que, acentua o dr. Jenness, nem a cultura do Mar de Bering nem a dos Dorsets deixaram resíduos de grandes ossos de animais caninos, nem peça alguma dos trenós nem dos respectivos arneses, existindo, em compensação, vestígios dos pequenos cachorros que criavam para a sua alimentação.

Os ossos dos caninos, as gulas dos trenós e as fivelas das rédeas

dos cães encontram-se frequentemente nas areias que os Thules habitavam, prova inequívoca de que, naquela época, já se usava o treno puxado por cães.

Os indígenas Dorsets não possuíam objetos de cerâmica, ao contrário do que sucede entre os povos Thules. O arco e a flexa, o calçado próprio para a neve, a pesca da baleia, tudo isto era desconhecido no período da cultura dorsetense, mas muito comum, no entanto, entre as tribus Thules.

A explicação de todas essas diferenças reside na provável hostilidade que existia entre os índios atapascanos e os esquimais Dorsets, os quais foram empurrados por aqueles para o Oeste. Entre as principais raças índias, descendentes dos atapascanos, temos hoje as tribus do interior do Alaska e do Canadá e os Navajos do Sudoeste e dos Estados Unidos.

Acredita-se que os antepassados das tribus do Mar de Bering e Dorsets invadiram a Alaska uns dois mil anos antes da era cristã. Mil anos depois, aproximadamente, diz o ilustre antropologista, os representantes da cultura Thule começaram a emigrar, e, dirigindo-se para Este, ao longo das costas do oceano Ártico, divulgaram os conhecimentos de tração por meio de cães, e os de pesca da baleia, até aos confins da Groenlândia, onde se foram reunir, assim como no Canadá, com os Dorsets, seus predecessores.

Língua portuguesa

*Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...*

*Amo-te assim, desconhecida e obscura,
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o troar e o silvo da procela,
E o arrôlo da saudade e da ternura!*

*Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,*

*Em que da voz materna ouvi: "Meu filho!"
E em que Canções chorou, no exílio amargo
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!*

OLAVO BILAC

O TESOURO

JA sem forças para lidar nos campos com os pesados ferros de lavragem, prevendo a miséria próxima, Serapião saía todas as manhãs de casa firmado ao bordão, e vagorosamente percorria os caminhos de sítios, chegando até onde lhe permitiam as pernas fracas.

Repousava nas barrancas, à beira da água ou à sombra de alguma árvore, e ficava esquecidas horas, relembando o tempo da sua mocidade, quando, brandindo uma foice, roçava o mato bravo, fazendo êle só a tarefa que dois homens de hoje não seriam capazes de levar a termo.

E como vivia feliz! a casa feita, a família contente, porque a terra correspondia com abundância de flores e de frutos aos cuidados do lavrador!

Agora, entretanto, as laranjeiras morriam carregadas de "erva de passarinho", os cafeeiros desapareciam abafados pelo mato; nem uma raiz de mandioca, nem um pé de milho; o vassoural invadia as terras, e as cobras, sentindo o abandono, cruzavam os caminhos ou dormiam ao sol, enroscadas, à beira do antigo açude seco.

Todavia aquelas terras podiam levar vantagem às outras da redondeza não só por serem mais férteis, como porque nelas viviam seis robustos rapazes, o mais velho contando trinta anos, o mais novo tendo apenas dezoito.

Filhos de Serapião, órfãos de mãe, levavam vida ociosa, uns às portas das vendas fumando, conversando, outros em casa estirados nas rédes, afinando violas, sem pena do velho pai, sem cuidados no futuro. Indolentes, para não saírem em busca de trabalho, contentavam-se com a magra ração de farinha de milho que lhes dava uma negra, antiga escrava da família, que não se quisera apartar do sertanejo.

De vez em quando, a muita instância, um saía a caçar, e, enquanto durava a carne no fumeiro, zangarrevavam e dormiam.

Serapião suspirava; mas, como era meigo para os filhos, não lhes dirigia uma palavra áspera, lembrava-lhes apenas a fome, nos dias futuros, o frio, as moléstias: mostrava-lhes o sapé da palhoça apodrecido, o adobe esburacado, os currais vazios, e, nos poleiros, nem um galo sequer para anunciar as madrugadas.

Êles, porém, sempre estirados, respondiam com a resignação dos fracos e dos preguiçosos:

— Deus é grande, meu pai...

Sucedeu, porém, uma grande seca, e todo o sertão foi lastimosamente devastado pelo sol.

Os que tinham bens acumulados puderam fazer face ao flagelo; os pobrezinhos, porém, êsses caminhavam noite e dia pelas estradas secas e poentas, batendo nos matos, chafurdando nos pântanos lodosos em busca de frutos e raízes. Tudo, porém, o sol devastador levava. Os pássaros eram raros e no campo nem uma preá saltava à vista do caçador faminto. O gado, sedento, mugia angustiadamente; e à noite, nos casebres, juntavam-se bandos de infelizes rezando, em côro aflito, ladainhas de misericórdia. Serapião e os filhos sofreram como os mais desgraçados.

Porque nada possuíam, nada lhes fiavam; de sorte que, enquanto duraram os dias tremendos, os infelizes erraram pelas trilhas, cantando ervas, procurando raízes. Às vezes caíam exaustos na poeira das estradas, gemendo, de fadiga e de fome; e emagreceram tanto que os ossos apareciam à flor da pele.

O velho sofria calado, e menos tormento lhe causava a fome do que a miséria em que viviam os filhos desalentados, pedindo a morte, preferível a tão duro e longo sofrimento. Afortunadamente, chegaram as águas benditas.

Chuvas torrenciais alagavam os campos, e com tal abundância, que os rios, assoberbados, espraíram; e as terras, fecundadas, entraram a produzir, fazendo brotar a sementeira, explodindo em verdura. No sítio, porém, só a erva brava ganhou as grandes águas: dilataram-se os vassourais, o sapé alastrou exuberantemente, e, como aparecessem aves e das tocas saíssem aristicamente as pacas, os rapazes, esquecidos do flagelo, voltaram à vida preguiçosa, buscando os alpendres das vendas, ou estirando-se nas esteiras, na varanda da palhoça esboroadada pelo tempo.

Serapião, porém, quis incitá-los ao trabalho, lembrando-lhes o que haviam sofrido durante o mês árido de soalheira e penúria; mas, como antes, todos, a uma, responderam-lhe: — "Deus é grande!" E um dêles desleixadamente ajuntou: — "E para que nos havemos de estafar, se nunca chegaremos a ser ricos? Os que menos trabalham são justamente os mais favorecidos. Se alguma coisa nos tiver de vir às mãos, não é preciso que a vamos procurar: a porta está sempre escancarada, entra por ela a noite; a fortuna pode entrar também..."

Ouvindo palavras tais, o velho ergueu-se lentamente, tomou o cajado e partiu: era ao cair da tarde, as juritis gemiam. A noite veio; a preta, para afugentar os morcegos, fez um fogo de gravetos; e em torno da chama, acocorados, reuniram-se os rapazes, até que um dêles, o mais moço, vendo a lua alta no céu, e dando pela ausência do pai, perguntou: — Que é feito do nosso pai? Que andar á fazendo, a horas tais, lá fora, ao relento da noite fria?

E outro, com um frêmito presago, disse, baixinho e a medo: Quem sabe se não lhe sucedeu algum desastre? É tão velho, mal vê e anda com tanta dificuldade... Quem sabe se não rolou alguma ribanceira?

Ficaram algum tempo silenciosos, os olhos fitos na lenha que crepitava; um dêles, porém, o mais velho, ergueu-se resolutamente; e foi mais forte do que a preguiça o amor no coração do moço:

— Vamos! Não podemos ficar aqui agasalhados quando o nosso velho pai treme de frio, e geme,

Conto de COELHO NETO



talvez, estropeado no fundo de alguma grôta. Vamos! — E todos, levantando-se, travaram dos cajados e disseram: — Vamos!

Sairam. A noite, de um esplêndido luar, era luminosa e pura: as estradas alvas branqueavam por entre a verdura e as árvores pareciam galvanizadas de prata.

Grande era o silêncio, apenas interrompido aqui e ali pelo trilar dos grilos e pelo chilro de algum pássaro aninhado; longe rolavam águas com um perene murmúrio.

Êles seguiam, ora pelos pedrouços dos caminhos, ora mergulhados no sapezal ondulante, bradando sempre: — Meu pai! — O eco, apenas, respondia.

Já os rapazes faziam estranhas e terríveis conjecturas acerca do velho sertanejo, quando um dêles que se avantajara em passos gritou de longe:

— Aqui! Aqui! — Correram todos para o sítio de onde saíra a voz, e lá, com alvoroço, foram encontrar Serapião sentado sob a galhada protetora de uma veneranda mangueira, sorrindo de contente.

Os rapazes, reunindo-se em círculo, puseram-se a falar da imprudência do pai, e levantaram-no carinhosamente, insistindo com êle para que os acompanhasse à casa.

Serapião, porém, sorrindo sempre, apenas dizia, num grande contentamento: — Ah! se vocês soubessem... se vocês soubessem! — Os rapazes, intrigados com as palavras do velho, cercavam-no, perguntando: — Mas que é? Mas que é? Por que não dizes? Que segredos podes ter para teus filhos?

— Deus me dê forças para guardá-lo sempre! Para que hei de eu contar-vos tal segredo? Não haverá amanhã um homem que o não conheça, e quando o conhecerem os homens... pobre de mim! Se eu vos julgasse capazes de guardá-lo, de certo que a outros não o confiaria, — mas de que me serviria saberdes o que me disse a Iára? (entidade fabulosa, fada ou sereia, que os sertanejos supõem viver na água dos rios).

— Ouvindo isso, os rapazes arremeteram curiosamente, e, apertando o velho, interrogavam-no curiosos:

— Iára! E tu falaste a uma iára, pai? a uma iára, pai?

— Sim, — disse o velho com fingida tristeza — já que me escapou parte do segredo, sabeí que aqui, debaixo desta mangueira velha, veio ter comigo uma iára do rio.

— Uma iára do rio!...

— Uma iára do rio. Tôda nua, tinha apenas para cobrir-lhe o colo os cabelos, verdes como o limo das pedras; era branca como a espuma das cachoeiras, e os olhos, tinham mais brilho do que a estrela d'Alva.

— Tu sonhaste, pai! — disse o mais moço dos filhos.

— Por Deus, que não sonhei! Vi uma iára do rio, afirmo e juro. Ainda podeis ver o caminho úmido, da água que gotejava dos seus cabelos verdes.

— Sim! estão úmidos os caminhos, porque o relento da noite os umedece.

— Por Deus! estão úmidos das gotas que rolavam dos cabelos verdes da iára. E mais: não vos fica bem essa dúvida, meus filhos, quando é vosso pai quem vos fala. Já vos menti alguma vez?

— Nunca! — disseram todos.

— Então chegai-vos bem para mim, bem perto; que eu vos fale, mas que o vento da noite não leve além uma só das palavras que eu vos disser, uma só das palavras que me disse a iára. Chegai-vos bem para mim, bem perto!

E os rapazes apertaram-se em volta de Serapião. — Agora — continuou o bom velho — jurai por Deus que nem uma só das palavras que ides ouvir passará dos vossos lábios para os ouvidos de outrem.

— Juramos!

— Prestai atenção, para que eu não me canse em repetir-vos. Esta terra que a luz do céu alumia — disse com mistério o velho —, esta terra que nós pisamos guarda um valiosíssimo tesouro. Quem o escondeu foi o velho pagé (sacerdotes, adivinhos e curandeiros dos índios do Brasil) de uma tribo forte, quando a nossa terra foi invadida pelos descobridores. Escondeu-o e partiu, internando-se nas selvas não desbravadas, certo, porém, de que não fôra visto enquanto cavava o esconderijo para o seu tesouro. Se o homem não havia à espreita, — a iára, por entre as tábuas, espiava, e conhece o sítio em que se conserva a riqueza maravilhosa.

— E disse-to? e indicou-o, meu pai? — acudiram todos os rapazes com ambição.

O velho, porém, moderando as palavras, continuou: — Não, mas prometeu fazê-lo no dia em que os cafeeiros, em vez de flores de prata, desabrochassem em flores de ouro.

Os rapazes entreolharam-se pasmados.

— Vejo que não acreditais nas minhas palavras, filhos; é natural: eu, mais velho do que vós, também sorri das expressões da iára, e foi preciso que ela, para

que eu acreditasse, me dissesse: Velho, nada é impossível! Para que os cafeeiros, em vez das flores alvas que costumam tocar a sua rama, dêem flores da côr do ouro, basta que os não esqueçais, que os não deixeis abafados pela erva perniciosa; basta que se lhes chegue a terra, que se lhes dê o adubo, que se lhes faça a limpeza em redor do tronco a fim de que os aqueça o sol e as chuvas se entranhem até as suas raízes; isto feito, em pouco vereis os cafeeiros dourados, e, nesse dia, eu virei mostrar-vos o sítio onde o pagé guardou, numa enorme igarçaba, o tesouro da tribo!

Os rapazes, entendendo-se com os olhos, suspiraram, e um dêles, oferecendo arrimo ao pobre velho, disse-lhe:

— Vamos, meu pai; faz frio, a noite vai alta e em casa arde um lume que vos há de fazer bem!

— Vamos! — disse com brandura o velho.

E caminharam vagarosos através dos campos iluminados pelo luar silencioso.

Ao amanhecer, porém, os rapazes, despertando, viram deserto o catre do velho pai, e logo, tomados de apreensões, ergueram-se:

— Onde teria ido tão cedo? Que terá ido fazer?

— É a loucura da velhice que assim o faz andar desatinadamente — respondeu o mais velho à pergunta do mais moço.

— E havemos de o deixar ao sol?

— Melhor é que o vamos buscar ao campo e que tenhamos sempre junto de nós, vigiado como uma criança.

E foram. Não andaram muito, porque logo ouviram a voz de Serapião que cantava, e a pancada seca de uma enxada batendo a terra.

— Trabalha! — exclamou maravilhado um dos rapazes.

— Trabalha! — disseram todos; e empenharam-se.

Efetivamente o velho trabalhava, capinando, oito acima, uma rua de café.

O suor escorria-lhe da fronte, onde os cabelos brancos formavam pastas, o suor pingava-lhe da barba; e o peito, que a camisa entreaberta desnudava, reluzia úmido. Vendo-o, os filhos bradaram:

— Oh! que fazes aí, pai?

O velho, risonho, com os pequeninos olhos iluminados de um fulgor estranho, voltou-se esfregando as mãos, com o cabo da enxada encostado ao peito:

— Que faço? Pois não vêdes? luto, a ver se consigo despír dos matos e das parasitas os cafeeiros [Conclui na página seis]

Dor oculta

Quando uma nuvem nômade destila gotas, roçando a crista azul da serra, umas brincam na relva; outras, tranquila, serenamente entranham-se na terra.

E a gente fala da gotinha que erra de fôlha em fôlha e, trêmula, cintila, mas nem se lembra da que o solo encerra, da que ficou no coração da argila!

Quanta gente, que zomba do desgosto mudo, da angústia que não molha o rosto e que não tomba, em gotas, pelo chão,

havia de chorar, se adivinhasse que há lágrimas que correm pela face e outras que rolam pelo coração!

GUILHERME DE ALMEIDA

Pensamentos de Eça de Queiroz

O melhor espetáculo para o homem, será sempre o próprio homem.

A idéia da leitura, hoje, lembra apenas uma turba, folheando à pressa, páginas no rumor de uma praça.

Só um livro é capaz de fazer a eternidade de um povo.

A humildade só foi possível na Thebaida; — e as próprias santas nunca se mostraram aos homens sem a sua pomposa auréola.

Com cada sol que se afunda no mar, o morto mais morre, mais se afunda na terra.

O nativismo é simplesmente o medo egoísta da concorrência.

Onde aparece o ouro, o terrível ouro, imediatamente os homens em redor se entreolham com rancor e levam as mãos às facas.

Não haveria o direito de vencer, se não houvesse o direito de perder.

As religiões só sobrevivem pela arte; só ela torna os deuses verdadeiramente imortais dando-lhes forma.

São os hinos que fazem as revoluções.

Tão profunda é a credulidade emotiva das multidões, que não há bandeira nova, por mais frágil, com um mote novo por mais irracional, que, bem destraldada, na rua, não reuna e não levante uma legião.

O riso é a mais antiga e ainda a mais terrível forma de crítica.

A ciência realmente só tem alcançado tornar mais intensa e forte uma certeza: a velha certeza socrática da nossa irreparável ignorância. De cada vez sabemos mais — que não sabemos nada.

Nada se impõe aos homens como a afirmação heróica de um sentimento justo.

Quem sem descanso apregoa a sua virtude, a si próprio se sugestiona virtuosamente e acaba por ser às vezes virtuoso.

A divisão de três por dois

Em nome de Alah, Clemente e Misericordioso!

O leão, o tigre e o chacal abandonaram, certa vez, a gruta sombria em que viviam e saíram, em peregrinação amistosa, a jornada pelo mundo, à procura de alguma região rica em rebanhos de terras velhinhas.

Em meio de grande floresta o temível leão que chefiava, naturalmente, o grupo, sentou-se já fatigado, sobre as patas traseiras, e erguendo a cabeça enorme soltou um rugido tão forte que fez tremer as árvores mais próximas.

O tigre e o chacal entreolharam-se assustados. Aquele rugido ameaçador com que o perigoso monarca, de juba escura e garras invencíveis, perturbara o silêncio da mata, traduzido para uma linguagem ao alcance dos outros animais, queria dizer, lacônicamente, o seguinte: Estou com fome.

— A vossa impaciência é perfeitamente justificável! — observou o chacal dirigindo-se humildemente ao leão. — Asseguro-vos, entretanto, que conheço, nesta floresta, um atalho misterioso, do qual as brutas feras jamais tive-

Conto de
MALBA TAHAN

★

ram notícia. Por êle poderíamos chegar, com facilidade, a um pequeno povoado, quase em ruínas, e onde a caça é abundante, fácil, ao alcance das nossas garras, isenta de qualquer perigo!

— Vamos chacal! — acudiu, de pronto, o leão. — Quero conhecer e admirar êsse adorável recanto!

Ao cair da tarde, guiados pelo chacal, chegaram os viajantes ao alto de um monte, não muito elevado, donde se descortinava uma pequena e verdejante planície.

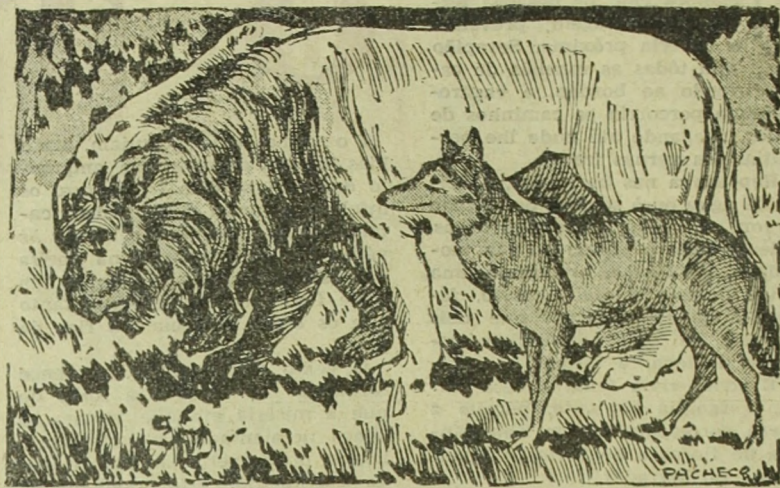
No meio dessa planície achavam-se descuidados, alheios ao perigo que os ameaçava, três pacíficos animais: uma ovelha, um porco e um coelho.

Ao avistar a presa fácil e certa, o leão sacudiu a juba abundante num movimento de incontinência satisfação. E com os olhos brilhantes de gula, voltou-se para o tigre e rosou, em tom possivelmente amistoso:

— Ó tigre admirável! Vejo ali três belos e saborosos petiscos: uma ovelha, um porco e um coelho! Tu, que és vivo e esperto, deves saber, com talento, dividir três por três. Faze, pois, com justiça e equidade essa operação fraternal: dividir três por três caças por três caçadores!

Lisonjeado com semelhante proposta, o vaidoso tigre, depois de exprimir com uivos de falsa modestia a sua incompetência e o seu desvalor, assim respondeu:

— A divisão que generosamente acabais de propor — ó rei — é muito simples e pode fazer-se com relativa facilidade. A ovelha que é o maior dos três petiscos, o mais saboroso e, sem dúvida, capaz de saciar a fome de um bando de leões do deserto, cabe-vos em pleno direito. Aquele porquinho magro, sujo e desprecioso, que não vale uma perna da bela ovelha, ficará para mim, que sou modesto e com bem pouco me contento. E, finalmente, aquele minúsculo e desprezível coelho, de reduzidas carnes, indigno do paladar apurado de um rei tocará ao nosso companheiro chacal, como recompen-



sa pela valiosa indicação que, há pouco, nos proporcionou.

— Estúpido! egoísta! — rugiu o pavoroso leão tomado de fúria indescrevível. — Quem te ensinou a fazer divisões desta maneira, imbecil? Onde já viste uma partilha de três por três resolvida desse modo?

E, erguendo a pesadíssima pata, descarregou na cabeça do desprevenido tigre tão violenta pancada que o atirou morto a alguns passos de distância.

Em seguida, voltando-se para o chacal, que assistira estarrecido àquele trágico desfecho da divisão de três por três, assim falou:

— Meu caro chacal! Sempre fiz da tua inteligência o mais elevado conceito. Sei que és o mais engenhoso e esclarecido dos animais da floresta, e outro não conheço que possa levar-te a melhor na habilidade com que sabes resolver os mais inextricáveis problemas. Encarrego-te, pois de fazer essa divisão simples e banal, que o estúpido do tigre (como acabastes de ver) não soube efetuar satisfatoriamente. Estás vendo, amigo chacal, aqueles três apetitosos animais: a ovelha, o porco e o coelho? Pois bem: vais dividir as três caças por nós dois. Nada mais simples que dividir três por dois! Vamos fazer logo os cálculos, que preciso saber qual é o quociente exato que a mim me cabe!

— Não passo de um humilde e rude servo de Vossa Majestade — ganiu o chacal, em tom humilíssimo de respeito. — Cumpre-me, pois, obedecer cegamente à ordem que acabo de receber. Vou, pois, como se fôra um sábio geometra, dividir aqueles três animais por nós dois. A divisão matematicamente certa e justa é a seguinte: a admirável ovelha, manjar digno de um soberano, cabe aos vossos reais caninos, pois é indiscutível que sois o rei dos animais; o belo bacorinho, do qual estou ouvindo os harmoniosos grunhidos, deve caber, também, ao vosso real paladar, visto dizerem os entendidos que a carne do porco dá mais força e energia aos leões; e o saltitante coelho, com suas longas orelhas, deve ser, também, por vós saboreado a título de sobremesa, já que aos reis, por lei tradicional entre os povos, cabem sempre, como complemento dos opíparos banquetes, os manjares mais finos e delicados.

— Ó incomparável chacal! — exclamou o leão, encantado com a partilha que acabava de apreciar. — Como são harmoniosas e sábias as tuas palavras! Quem te ensinou êsse artifício maravilhoso de dividir, com tanta perfeição e acerto, três por dois?

Retorquiu, com discreta velharia, o chacal:

— A patada, com que vossa justiça puniu, há pouco, o tigre arrogante e ambicioso, ensinou-me a dividir, com segurança, três por dois, quando dêsseis dois, um é leão e o outro chacal! Na Matemática do mais forte, penso eu, o quociente é sempre exato, e ao mais fraco, depois da divisão, nem o resto deve caber!

E, dêsse dia em diante, fazendo sempre divisões dessa ordem, inspirado na mais torpe sabujice, viveu o astucioso chacal a sua vida de bajulador vil, a regalar-se com os sobejos que lhe deixava o leão.

★

ADULAÇÃO

O príncipe de Ligne ridicularizava sempre o gesto de Catarina da Rússia, mandando abrir um canal no Tsarkoé Selo e que continha pouquíssima água. Entretanto, houve um afogamento no canal e a imperatriz triunfante foi dar a notícia ao príncipe.

— Mas quem se afogou naquilo? — perguntou êste, incrédulo.

— Um operário...

O príncipe exclamou, surpreendido:

— Mas é o cúmulo da adulação!...

★ O tesouro ★

[Conclusão da página cinco] para que se cumpra a promessa da *iára* do rio. Ao menos morrirei tranquilo, se vos deixar o necessário para que não tenhais uma velhice triste como a que eu arrasto!

— E tu, só, queres dar cabo de tanto?

— Eu só, já que me deixais só. Mais depressa viria o tesouro às nossas mãos, se fôssemos todos a trabalhar; mais depressa viriam a fartura e a paz; assim virá mais vagarosamente, mas que me dê forças o Senhor e saúde, e eu não dormirei contente enquanto não o tiver da *iára* o melhor da promessa.

Ouvindo-o falar assim, com tão segura convicção, um dos rapazes disse ao outro, em segredo:

— Quem sabe se o que julgamos alucinação de velhice não é verdade? Não é mais prudente nem mais avisado do que êle o mais notável dos nossos homens contrários; ninguém o apanhou jamais em falsidade; todos lhe pedem conselhos, todos os querem ouvir; e tal não aconteceria, se lhe percebessem desatinos, vindos da razão enfraquecida. Quem sabe se não é verdade?

— Sim, quem sabe?

— Falam tanto de encantamentos! Melhor seria tentarmos. Juntos, em pouco tempo daremos conta da tarefa, e talvez apareçam nos cafeeiros as anunciadas flores de ouro. E que regalo, se encontrarmos a riqueza da tribo!

— Melhor do que o fazendeiro mais rico...

— Muito melhor por certo!

Já o velho tornara à terra cantando, quando os rapazes, conserçados, desceram à casa, rebuscando entre os ferros esquecidos os melhores; e, tomando dêles, meteram-se pelos matos densos. À tarde, caía o crepúsculo nevoento e o velho descia a caminho da casa, quando viu, com alegre surpresa, os filhos em turma, trabalhando. Deteve-se; e a emoção foi tão forte em sua alma, que as lágrimas saltaram violentas dos olhos do sertanejo; e quem por perto dêle passasse ouviria o que disse comovidamente: — "Bendita *iára*! Bendita *iára*!" E foi-se cantarolando, risonho e feliz com a enxada ao ombro.

No dia seguinte, ao luzir d'alva, Serapião erguia-se do catre, quando o mais velho dos filhos procurou-o:

— Fica! — lhe disse; — não é preciso que venhas ao campo. Se for verdade o que te disse a *iára*, dentro em pouco verás limpos de

toda a erva os cafeeiros. Somos mais robustos do que tu; fica e descansa.

E o velho disse:

— Ide, e que Deus abençoe o vosso trabalho; eu fico, e, para que a inércia não me amolente o corpo e o espírito, trazendo-me a preguiça e os pensamentos tristes, vou distrair-me reparando os estragos que o tempo tem feito na cabana que nos abriga. De volta, à tarde, trazei o sapé para substituir o colmo que mal nos resguarda das chiuvas e eu mesmo cobrirei a cabana. É justo que quem trabalha durma tranquilamente, sem que as goteiras o façam andar com o leito dum para outro sítio. Ide! e que Deus abençoe o vosso trabalho!

E os rapazes partiram.

O velho ficou, e, conforme a promessa que fizera, pôs-se a retocar os muros abertos em frinchas; e à noite, quando os filhos entraram, mostrou-lhes o trabalho que havia feito, e êles entregaram-lhe os feixes de sapé que haviam cortado; e sentaram-se à mesa, comendo com apetite e satisfação. O velho, sempre ao fim do repasto, dizia à maneira de oração: "A *iára* deve estar satisfeita; dentro em pouco terá perdido o seu encanto".

E assim passou um ano.

Os rapazes, por vezes, desanimavam; mas sempre havia um, mais ambicioso, que acoroçoava os outros:

— Que! pois agora que vai em tão bom seguimento o trabalho, é que vocês querem deixá-lo? Vamos! Quem sabe se já não estão abotoando as flores de ouro?

E, assim excitados, tornavam todos à terra.

E veio o tempo das colheitas.

Os milhos e as canas faziam um extenso mar dourado, ao sol; os arrozais alastravam os alagadiços com um fino tapete de veludo verde; o mandiocal cobria com a sua rama as encostas outrora secas; o feijão, enroscando-se nos pés de milho, subia tanto, que se confundia com as espigas louras; tudo prometia uma colheita abundante.

Os rapazes suspiravam: "Estavam carregados de flores os cafeeiros... ah! mas não eram de ouro as flores. De que lhes servia tanto esforço, ao sol?"

— Perseverança, meus filhos! perseverança! As flores de ouro não de vir, as *iáras* não mentem.

Vamos tratar de recolher os primeiros presentes da terra. E começaram a colhêr; mas eram em tal abundância os produtos, que

os rapazes tiveram necessidade de recorrer aos vizinhos, alugando carros e gado para transportar os frutos; e, como todos viam a prosperidade do sítio, ninguém recusou o que lhe pediam os rapazes, e mais, ainda lhes ofereciam.

Gente supersticiosa, porque desconheciam o caso do tesouro, começou a murmurar: — que ali andava a mão do diabo! terras, ontem tomadas pelo mato, como podiam estar assim florescentes?!

E fugiam do sítio os supersticiosos, inventando lendas tenebrosas.

Vendida grande parte da colheita, com o produto os rapazes desceram à feira, e comprando gado, aves e novos instrumentos, sortiram a despesa, encheram os palcos, e tiveram abundância e alegria. O velho, contente, saía à tarde para o terreiro, e chorava lágrimas de alegria, vendo que se ia lentamente realizando a promessa da "mãe água" (o mesmo que *iára*). Já se ouvia o mugido dos bois nos campos dantes tão silenciosos; e, todas as manhãs, a preta saía com uma grande malga para ordenhar as vacas; ovelhas balavam, galinhas cacarejavam; nas cevas, grandes porcos roncavam, e já as manhãs não passavam sem o canto alegre dos galos: agora eram seis a cantar no poleiro.

Mais outro ano passou, mais farto do que o primeiro; os filhos, porém apesar de verem as árvores vergadas ao peso dos frutos, suspiravam: "por que não vinham aos cafezais as flores de ouro?"

— "Perseverança, meus filhos; perseverança! — dizia o velho. — As flores de ouro não de vir, as *iáras* não mentem".

E recolhia à grande arca o que os filhos traziam do mercado, onde haviam ido vender os produtos do sítio.

Seis anos depois, já os rapazes tinham desesperado da promessa da *iára*; mas, como se haviam habituado ao trabalho, saíam todas as manhãs para os campos que eram então os mais belos e os mais férteis da redondeza. O velho enfermou gravemente, sendo levado em braços para o leito.

Os filhos, tristes, cercavam-no; e já a vista se lhe turbava, quando êle acenou trêmula e chamando para bem perto todos os rapazes, e sentindo-os junto ao leito, disse:

— Meus filhos, já agora posso falar, dizendo-vos o melhor do segredo da *iára*. Habitaste-vos ao trabalho, e certo estou de que o

A G U L H A & L Ã



Vestido de jantar da Casa Agnès Drecoll, um dos mais afamados magazines de modas de Paris. Note-se as "anquinhas" que dão ao novo modelo, um aspecto dos velhos vestidos tão do gosto de nossas avós. É a moda que volta, é o presente copiando o futuro, é a mocidade de agora imitando a do último vintênio do século passado

MEIA DO EXPEDICIONÁRIO — Montam-se 58 p. e fazem-se 9 cm. de ponto sanfona (*2 t., 2 m.*). Continua-se em ponto de meia (1 carreira direito, 1 carreira avesso). Com 12 cm. de altura total, diminui-se 1 p. em cada extremidade. Com 15 cm. e 17 cm. faz-se o mesmo.

Continua-se em ponto de meia, e com 27 cm. de altura total divide-se o trabalho em 13 p. de cada lado e 26 p. no meio.

Tecem-se 24 carreiras sobre os 13 p. (pelo direito do trabalho). Depois das 24 carreiras continua-se assim:

1 m., 2 p. j., 1 m. Volta-se em tricô (avesso); 2 m., 2 p. j., 1 m. Volta-se em tricô (avesso); 3 m., 2 p. j., 1 m. Volta-se em tricô (avesso); 4 m., 2 p. j., 1 m. Volta-se em tricô (avesso); 5 m., 2 p. j., 1 m. Volta-se em tricô (avesso); 6 m., 2 p. j., 1 m. Volta-se em tricô (avesso). Ficam 7 pontos na agulha. Deixá-los a espera.

Tecer o lado esquerdo do calcanhar da mesma maneira, tendo o cuidado de executar as diminuições no avesso do trabalho.

Passar em uma só agulha os 7 p. primeiros. 18 p. que se levantarão na borda vertical (dos 13 p.), os 26 p. deixados antes para o peito do pé, 18 p. da borda vertical dos outros 13 p. e os 7 últimos. Ao todo 76 p.

Continua-se sobre todos os pontos executando as seguintes diminuições:

De cada lado dos 26 p. do peito do pé diminui-se 1 p. nas seguintes carreiras: 3.^a, 7.^a, 11.^a, 15.^a, 19.^a, 21.^a, 23.^a, 25.^a, 27.^a, 29.^a e 31.^a.

Restam 54 p. Continua-se em linha reta até 16 cm. (medidos a partir da borda vertical).

Torna-se a diminuir: 4 m., *2 p. j., 7 m.* 2 p. j. e 3 m. Volta-se em tricô; 3 m., *2 p. j., 6 m.* 2 p. j. e 3 m. Volta-se em tricô; 2 m., *2 p. j., 4 m.* 2 p. j. e 2 m. Volta-se em tricô; 1 m., *2 p. j., 2 m.* Volta-se em tricô; *1 m., 2 p. j., 2 m. Volta-se em tricô; *2 m., 2 p. j. Volta-se em tricô; *2 p. j., 1 m.* Volta-se em tricô; *2 p. j., 1 m.* Volta-se em tricô. Restam 9 p. Tecem-se 2 carreiras e arrematam-se os pontos passando-os no fio de lã e se apertam. Costura-se a meia pelo avesso.

Material: 100 gramas de lã grossa, 2 agulhas n.º 3.

TRICÔ



SUETER — Frente. — Com as agulhas n.º 2 montam-se 116 p. e fazem-se 32 carreiras de p. sanfona (*2 m., 2 t.*).

Na carreira seguinte aumenta-se 14 p. ficando 130 p. Continua-se com as agulhas n.º 3 e o seguinte ponto: 1.^a carreira, direito: 1 m., *5 t., 5 m., 5 t., 5 m., 5 t., *4 m.; 2.^a carreira, avesso: 3 t., *5 m., 5 t., 5 m., 5 t., *2 t.; 3.^a carreira, direito: 3 m., *5 t., 5 m., 5 m., 5 t., m., 5 t., *2 m.; 4.^a carreira, avesso: 1 t., *5 m., 5 t., 5 m., 5 t., 5 m., *4 t.; 5.^a carreira, direito: 5 m., *5 t., 5 m., 5 t., 5 m., *5 t.; 6.^a carreira, avesso: 4 m., *5 t., 5 m., 5 t., 5 m., 5 t., *1 m.; 7.^a carreira, direito: 2 t., *5 m., 5 t., 5 m., 5 t., *5 m., 3 t.; 8.^a carreira, avesso: 2 m., *5 t., 5 m., 5 t., 5 m., 5 t., *3 m.; 9.^a carreira, direito: 4 t., *5 m., 5 t., 5 m., 5 t., *5 m., 1 t.; 10.^a carreira, avesso: 5 t., *5 m., 5 t., 5 m., 5 t., *5 m.; 11.^a carreira, direito: 1 m., *5 t., 5 m., 5 t., 5 m., 5 t., *4 m.; 12.^a carreira, avesso: 3 m., *5 t., 5 m., 5 t., 5 m., 5 t., *2 m.; 13.^a carreira, direito: 1 t., *5 m., 5 t., 5 m., 5 t., 5 m., *4 t.; 14.^a carreira, avesso: 5 m., *5 t., 5 m., 5 t., 5 m., *5 t.; 15.^a carreira, direito: 1 t., *5 m., 5 t., 5 m., 5 t., 5 m., *4 t.; 16.^a carreira, avesso: 3 m., *5 t., 5 m., 5 t., 5 m., 5 t., *2 m.; 17.^a carreira, direito: 3 t., *5 m., 5 t., 5 m., 5 t., 5 m., *2 t.; 18.^a carreira, avesso: 1 m., *5 t., 5 m., 5 t., 5 m., 5 t., *4 m.; 19.^a carreira, direito: 5 t., *5 m., 5 t., 5 m., 5 t., 5 m., *5 m.; 20.^a carreira, avesso: 4 t., *5 m., 5 t., 5 m., 5 t., 5 m., *1 t.; 21.^a carreira, direito: 2 m., *5 t., 5 m., 5 t., 5 m., 5 t., *3 m.; 22.^a carreira, avesso: 2 t., *5 m., 5 t., 5 m., 5 t., 5 m., *3 t.; 23.^a carreira, direito: 4 m., *5 t., 5 m., 5 t., 5 m., 5 t., *1 m.; 24.^a carreira, avesso: 5 m., *5 t., 5 m., 5 t., 5 m., *5 t.; 25.^a carreira, direito: 1 t., *5 m., 5 t., 5 m., 5 t., 5 m., *4 t.; 26.^a carreira, avesso: 3 m., *5 t., 5 m., 5 t., 5 m., 5 t., *2 m.; 27.^a carreira, direito: 3 t., *5 m., 5 t., 5 m., 5 t., 5 m., *2 t.; 28.^a carreira, avesso: 1 m., *5 t., 5 m., 5 t., 5 m., 5 t., *4 m.; 29.^a carreira, direito: 5 t., *5 m., 5 t., 5 m., 5 t., 5 m., *30.^a carreira, avesso: 4 t., *5 m., 5 t., 5 m., 5 t., 5 m., *1 t.; 31.^a carreira, direito: 5 t., *5 m., 5 t., 5 m., 5 t., 5 m. — Repete-se desde a 1.^a carreira.

Quando se completarem 24 cm. do ponto fazem-se as cavas arrematando ao todo 15 p. cada uma.

Nos começos de carreira arrematam-se 7 p., 3 p., 1 p. e 1 p. nos fins 2 p. j. ficando 100 p.

Com 27 cm. começa-se o decote dividindo-se os pontos em duas partes iguais e com uma pegam-se 2 p. j. no fim de carreira até ficarem 36 p. Quando tiver 22 cm. de cava arrematam-se os 36 p. em 5 vezes. A outra parte faz-se do mesmo modo.

COSTAS — Com as agulhas n.º 2½ montam-se 116 p. e fazem-se 32 carreiras de ponto sanfona.

Na carreira seguinte aumentam-se 10 p. ficando 126 p. Continua-se com as agulhas n.º 1 e o mesmo ponto da parte da frente.

Quando se completarem 24 cm., arrematam-se as cavas ao todo 13 p. cada uma. Nos começos de carreira arrematam-se 6 p., 2 p., 1 p. e 1 p. e nos fins de carreira 2 p. j. ficando 100 p.

Quando se completarem 22 cm.



PARMENTIER E A BATATA

Conta-se que Luiz XVI, para honrar Parmentier, que tinha dado à humanidade um novo e saboroso tubérculo, pôs na sua boateira flôr de batata. Os parisienses que festejaram o segundo centenário de Parmentier, honraram-no numa maneira mais prática e utilitária. Diante da sua estátua, que se ergue em Neully, colocaram cerca de dez mil quilos de batatas, que foram distribuídas pelos pobres. As entidades oficiais foi oferecido um vinho de honra com batatas fritas.

de cava arrematam-se os ombros em 5 vezes, 36 p. cada.

Os pontos restantes do centro arrematam-se de uma só vez.

Acabamento do suéter — Para a barra do decote separadamente montam-se 180 p. com as agulhas n.º 2½, fazem-se 8 carreiras de ponto sanfona, aumentando-se 1 p. no fim de carreira e arrematam-se os pontos.

Costuram-se os ombros, depois cose-se a barra ao decote.

Para as barras das cavas montam-se 200 p., fazem-se 8 carreiras de ponto sanfona e arrematam-se os pontos. Cosem-se as barras nas cavas e por fim cosem-se os lados.

Material: 5 meadas de lã de 50 gramas verde-garrafa. Agulhas n.º 2½ e 3.



PEQUENAS COISAS DE GRANDE UTILIDADE

Contra a insônia, recomenda-se a alface, em tôdas as refeições, em abundância, porque a seiva dessa planta é um narcótico inofensivo. Também é conveniente a abstenção de excitantes, como chá, café, vinho puro, aguardente, etc.



Para que, ao pregar-se um prego em madeira, esta não rache, convém molhá-lo em azeite.



As nódoas de vinho tiram-se quase instantaneamente, imergindo a parte manchada em leite fervente.



Em geral, vivem mais tempo as pessoas cuja refeição principal é o almoço, porque de manhã o estômago está mais forte e vigoroso.



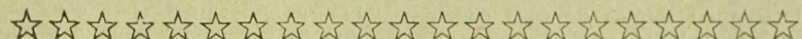
As luvas duram muito mais tempo introduzindo-lhes nas pontas de cada dedo um pedacinho de algodão, o que impedirá que as unhas rasguem a pelica ou o material de que as luvas são feitas, seja ele qual for.



Para se tirar o cheiro da gasolina das mãos, é bastante çassar-se nelas um pouco de sal.



O sal comum, de cozinha, pôsto em chávenas de chá e bules, tira as manchas de tanino, se se esfregar com um pano úmido.



FORNO & FOGAO

LARANJAS REAIS — Corta-se a tampinha das laranjas, das quais se tiram cuidadosamente as pólpas que se passam por uma peneira. Na cavidade das laranjas colocam-se alguns morangos polvilhados com açúcar. Espalha-se por sobre os morangos um pouco da pólpa que se passou pela peneira, enfeitando-se com creme "Chantilly".

TORTA DE CAÇAROLA — Preparam-se os ingredientes para fazer um ensopado de carneiro e feijão. Deixa-se o feijão de molho e leva-se no dia seguinte ao fogo. A carne é refogada com cebola, sal e tomates. Adiciona-se o feijão e deixa-se cozinhar devagar umas 2 horas. Engrossa-se com um pouco de farinha e nata azêda, deixando-se cozinhar ainda mais 5 minutos. Põe-se o ensopado em forminhas individuais cobrindo-o parcialmente, com auxílio de uma bomba, com pirão de batata misturado com 2 ovos. Não é uma torta no seu verdadeiro sentido, mas uma variante que vale a pena ser experimentada.

RAVIOLI RUSSO — Massa de macarrão. 10 a 12 fatias finas de toucinho defumado, queijo parmesão ralado, manteiga. Estende-se a massa bem fina e com um copo cortam-se rodela, cujos bordos se pincelam com ovos. As fatias de toucinho devem frigar-se ligeiramente em manteiga e pulverizam-se imediatamente com queijo ralado, enrolam-se e colocam-se sobre as rodela. Dobram-se os raviolis, apertam-se as beiradas e colocam-se em água fervendo com

sal, onde devem ficar por 15 minutos. Tiram-se, deixa-se escorrer bem a água e cobrem-se com manteiga derretida.

MACARRÃO À MILANESA — ½ quilo de diversas verduras (como por exemplo, espargo, espinafre ou couve-flor), salsa, cebolinha, 125 gramas de aveia, 1 xícara de leite, ½ xícara de farinha, sal, pimenta, 2 ovos, gordura. Põe-se a aveia de molho no leite, onde se deixa durante 1 hora. Refogam-se as verduras picadas em gordura quente, sal, cebolinha e salsa. Mistura-se esse refogado com a aveia, juntam-se, uma a uma, as gomas, e, por fim, as claras batidas. Formam-se bolinhos com essa massa que se devem frigar em gordura quente. Servem-se com molho de tomates.

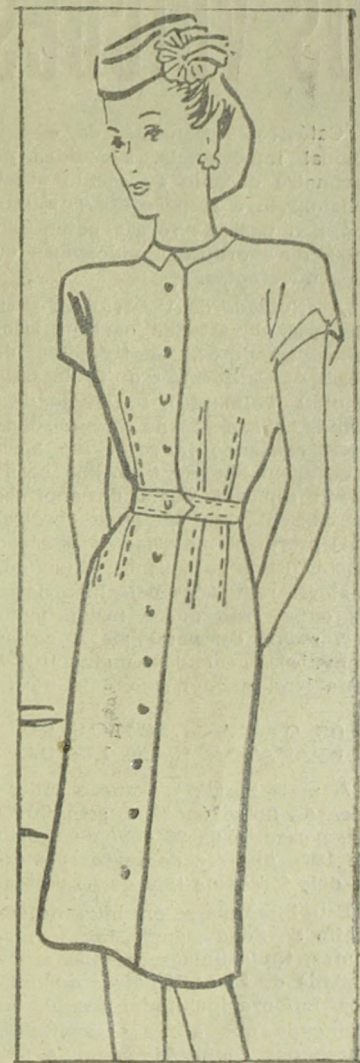
LINGUIÇA DE PATÉ — Deitam-se as linguiças em água quente na qual se deixam até levantar fervura. Tira-se a panela do fogo, conservando as linguiças ainda por uns 15 minutos em água quente. Em vez de aferventar pode-se também frigar as linguiças em gordura quente com cebolas.

FRANGO COM MOLHO PARDO — O frango para ser preparado com molho pardo deve ser morto cortando-se-lhe o pescoço. Deixa-se correr o sangue em uma vasilha na qual se deve ter pôsto um pouco de vinagre e, à medida que o sangue for correndo, deve-se ir mexendo a fim de evitar que o sangue coagule. Limpa-se o frango, pica-se e tempera-se com sal,

pimenta e vinagre, deixando descansar algumas horas para tomar o gosto. Em uma caçarola deita-se um pouco de gordura que se deixa esquentar. Juntam-se cebola picada, louro, alho e os pedaços de frango que se deixam corar. Em seguida, acrescenta-se um pouco d'água e deixa-se cozinhar lentamente. Pouco antes de servir, mistura-se o sangue ao molho, mexendo bem.

PEIXE COM ERVILHAS FRESCAS — 1 a 1½ quilo de peixe, sal, manteiga, 1 quilo de ervilhas frescas com casca, salsa. Corta-se o peixe em fatias grossas que se deitam em uma caçarola com manteiga, e depois de refogados junta-se 1 copo de vinho branco e caldo de carne ou de peixe e cozinha-se em fogo lento durante 10 minutos. Em seguida tiram-se, arriamam-se sobre uma travessa e em redor colocam-se as ervilhas refogadas em manteiga. Guarnece-se o prato com salsa picada.

SÓPA DE PEIXE — Cortam-se algumas cenouras e cebolas em rodela finas e levam-se ao fogo em uma caçarola com regular quantidade de azeite. Depois juntam-se salsa, 1 folha de louro, alguns dentes de alho amassados, sal e a quantidade necessária de água. Estando tudo bem cozido passa-se por uma peneira e põem-se no caldo postas de qualquer peixe. Depois de cozido o peixe, tira-se o mesmo do caldo e serve-se com o molho que se desejar. Ao servir despeja-se a sópa sobre fatias de pão torrado.



Para escocês, escolhemos modelo inteiramente abotoado na frente. A gola da largura de três cms. é o que existe de mais interessante e novo, em matéria de modas



O VULCAO PARACUTIN, NO MÉXICO, EM PLENA ERUPÇÃO

Os vulcões e suas conseqüências

Catástrofes sísmicas, de excepcional importância, sucedidas no primeiro decênio do século atual, chamaram a atenção do grande público para as forças potentíssimas das erupções vulcânicas ou dos terremotos.

A atividade do Vesúvio em abril de 1906, devastando os seus risnhos arredores, os tremores de terra da Califórnia e do Chile, cuja capital, Valparaíso, foi quase destruída, e a de 28 de dezembro de 1908, causando horrores em Messina e em Reggio, tudo não aconteceu senão à custa de enormes perdas em vidas humanas e colossais prejuízos materiais. A exceção deste último cataclismo — um dos maiores registados pela história — os outros são quase insignificantes, se os compararmos a certas convulsões geológicas mais antigas, cuja lembrança chegou até nós.

OS CATACLISMOS DO KRAKATOA E DE LISBOA

A mais violenta erupção vulcânica da nossa época é, sem dúvida, porém, a de 26 e 27 de agosto de 1883, que fez desaparecer quase dois terços da ilha de Krakatoa.

Esta ilha, que se encontra no estreito de Sonda, entre Java e Sumatra, tinha uma superfície aproximada de 33 quilômetros quadrados. Embora inabitada, a explosão tremenda que a fez desaparecer, quase por completo, matou 40.000 pessoas, aproximadamente, principalmente por efeito dos poderosos vagalhões criados pelo fenômeno, produzindo formidáveis resacas em todas as regiões vizinhas da ilha.

As conseqüências do tremor de terra de fevereiro e março de

De SVANTE ARRHENIUS

1783, nas Calábrias e na Sicília, tinham sido maiores ainda. No dia 5 de fevereiro desse ano, a importante cidade de Messina foi destruída, avaliando-se em 100.000 o número de pessoas mortas nessa ocasião. A mesma região, em 3 de setembro de 1905, foi afligida novamente por toda uma série de sacudidas destruidoras.

Uma outra catástrofe, que ficou na história devido ao número considerável de vítimas humanas por ela causado, é a que destruiu Lisboa, em 1 de novembro de 1755. O número de mortos variou entre 30.000 e 90.000. O maremoto, então produzido, invadiu a cidade, afogando dois terços do total das vítimas.

Foi nessa ocasião que o marquês de Pombal, respondendo ao rei que lhe perguntava aflito o que se devia fazer, usou da frase celeberrima:

— "Enterrar os mortos e cuidar dos vivos, Majestade!"

Os prejuízos materiais mais importantes foram os de São Francisco da Califórnia, avaliados em 760 milhões de francos, enquanto os da Sicília e da Calábria juntos são calculados em 800 milhões. Na Califórnia houve relativamente poucas vítimas. O número oficial é de 709, embora seja provável que um número considerável de casos não tenha sido registado (marítimos, chineses, japoneses, etc.). A última

catástrofe da Sicília, ao contrário, causou perto de 90.000 mortes.

O VESÚVIO, DO ANO 79 ATÉ HOJE

O mais conhecido dos vulcões é o Vesúvio, sobre o qual se fizeram estudos sistematizados. Ao tempo dos esplendores de Roma, o Vesúvio era uma montanha pacífica, um cône de erupção extinto, e cuja história nada revelava sobre os seus períodos de atividade. Em torno dele, estabeleceram-se colônias gregas, atraídas pela fertilidade extrema do solo. A sua riqueza era notória, o que deu motivo a que se chamasse à região de Grande-Grécia.

A catástrofe do ano 79 foi fulminante. Todos a conhecem, por ter causado a destruição das cidades de Pompéia e de Herculano. As massas gasosas que se produziram nessa erupção deslocaram uma grande parte do velho cône vulcânico. A parte que permaneceu no lugar chama-se hoje Monte Soma.

As massas projetadas para fora, cinzas e lavas, constituíram o novo Vesúvio, o que hoje vemos. O seu aspecto tem mudado várias vezes, desde então. Cada erupção nova contribui para essas variações, e, em 1906, formou-se um novo cône de cinzas. Do ano 79 para cá, não se conta mais o número de erupções. As principais sucederam nos anos 203, 472, 512, 685, 993, 1036, 1139, 1500, 1631 e 1660. Pode-se dizer mesmo que o Vesúvio é de uma atividade ininterrupta, o mais das vezes bem fraca, de modo a anunciar somente que a atividade do fogo está presente.

A FORÇA DOS HOMENS E A DOS ANIMAIS INFERIORES

Sábios naturalistas procedem a estudos comparativos sobre as energias do homem e dos animais inferiores.

Os primeiros resultados serão, em breve, publicados.

Sabe-se já que muitos pequenos animais têm força muito maior que a do homem, proporcionalmente.

Se nós, por exemplo, quiséssemos fazer o que faz a formiga, teríamos que trazer comodamente, às costas uma casa de um andar...

Uns insetozinhos australianos, que não têm mais do que três milímetros, fazem construções de sete metros de altura. O homem para competir com eles deveria fazer casas tão altas como o monte Cervino, que tem quase

4.500 metros! Há uma outra espécie sul-africana, com cinco milímetros, que sabe construir habitações de doze metros de altura: para nos igualarmos a esta espécie, tínhamos obrigação de levantar casas mais altas que o Monte Branco, nos Alpes, com quase 5.000 metros.

Até o que realiza uma pulga amestrada supera a força humana: se quiséssemos arrastar um peso proporcional ao que arrasta uma pequena pulga, deveríamos poder puxar, sem grandes esforços, uma locomotiva sobre um terreno sem linhas de caminho de ferro...

Como se vê, o homem, embora se intitule o rei da criação, não é o mais poderoso dos bichos... É, sim, o mais traçoeiro, o mais ingrato e o mais rancoroso.

A perfeição como inimiga do imprevisto

[Conclusão da primeira página] das enquanto não descobriram o paradeiro das cartas.

No que toca à ordem civil nem se fala. Achava-me na minha terra em 1919, logo após o armistício da primeira grande guerra. Dois russos que estavam foragidos na cidade brigaram. Houve um pugilato e um esfaqueou o outro. O crime abalou todos os alicerces da cidade. Já fazia mais de meio século que ninguém morria matado na cidade. O caso foi comentado durante muitos meses e até agora o crime se constitui em marco divisório de duas épocas. Quando se quer fixar a data de um acontecimento qualquer diz-se: "Antes do crime do russo" ou "depois do crime do russo".

Vê o senhor — continua o suíço — que tanta perfeição aborrece. Tira o prazer de viver. Tudo é calculado, tudo é medido. Tudo dá certo. O exato, o certo, o calculado que dá certo, significa ausência do imprevisto. E é o imprevisto que dá sabor à vida.

Por essa razão é que acho os brasileiros um povo felicíssimo. Tudo aqui é obra do acaso, do imprevisto. Vive, vibra, acontece exatamente o contrário do que esperamos ou calculamos.

Senão, vejamos:

Quando saímos de casa começa a luta pela vida. Paire em nosso espírito a dúvida se conseguiremos ou não um lugarzinho no bonde ou no auto-ônibus. O povo assalta o veículo e já aprendemos como assaltá-lo. É preciso que o mais pacato cidadão se transforme num "comando" e faça prodígios de audácia para conseguir o pedacinho do balaustre do bonde. O imprevisto que nos assaltou ao sair de casa continua a se desdobrar durante a viagem. A todo momento o senhor espera cair. Pode quebrar uma perna ou moer o crânio nos paralelepípedos. Ou meter a cabeça num poste. Pode, também, se Deus nos ajudar, chegar ilêso ao seu destino.

Antes de entrar no seu escritório o senhor vai tomar café. Vai tomar uma média com pão e manteiga, porque um imprevisto — este sim é desagradável — privou a sua empregada de chegar a tempo de fazer o café matinal.

No café o senhor pode ter uma ou mais surpresas. O café pode estar frio, o pão ser amanhado ou a manteiga ser rançosa. Naturalmente que o senhor se azeda e diz algumas coisas desagradáveis ao garçom. Este, que não é perfeito, diz coisas mais desagradáveis ainda e outras coisas piores podem acontecer.

Quando o senhor, depois do café, vai fumar o seu cigarro, verifica que não tem fósforos. Vai à charutaria e pede uma caixa. Dá um cruzeiro. O vendedor nos dá um níquel de 20 centavos, dois passes e a moeda não tem uma moeda de 10 centavos para lhe dar.

No prédio onde o senhor tem o seu escritório, uma surpresa o aguarda. O elevador não funciona. O empregado faltou. Ou, então, o motor está desarranjado. O senhor profere umas pragas em surdina e vai subindo até o seu 11.º andar.

Essas cozinhas fazem a delícia da vida. Tudo é incerto e nos ensina a valorizar as coisas regulares. Isso o senhor verifica ao che-

gar ao escritório quando, abrindo a correspondência, verifica que um cliente está lhe enviando um pedido esperado há muito tempo e que lhe dá vários milhares de cruzeiros de lucro.

Outros imprevistos estão reservados para o decorrer do dia. A sua esposa lhe telefonou para comprar tal remédio. Na farmácia o senhor constata que o medicamento subiu 10 cruzeiros sobre o preço que lhe foi cobrado na semana passada. Essa irregularidade, essa inconstância encanta a nossa vida. É verdade que, a primeira impressão é má, mas depois quando raciocinamos friamente, quando pensamos o acontecimento, acabamos rindo. Tudo torna-se engraçado depois que passou.

Assim é no cinema, no restaurante, na loja, nos trens. Haverá coisa mais engraçada, palpitante mesmo, chegar a São Paulo às 15 horas num trem que devia entrar na estação "Roosevelt" às 8 horas? Esse imprevisto, é verdade, causa vários transtornos a quem devia estar às nove horas no escritório para atender um negócio importante e urgente. Mas, em compensação o senhor passa por momentos encantadores. Momentos que não há dinheiro que pague. Principalmente quando o senhor é obrigado a comprar pão com salame para comer porque o vagão "buffet" que estava ligado no noturno não tinha mais ovos para atender a freguesia.

Nesse capítulo "viagem", o encanto redobra porque certas viagens no Brasil equivalem a uma travessia, a pé, no deserto do Saara. Mas para nós, do país da perfeição, esses imprevistos emocionam. Dão-nos uma vida nova que a regularidade, a perfeição, não nos permitem.

Aprenda a viver e admirar o seu país. O senhor vive numa terra privilegiada, onde tudo é aventura, tudo é imprevisto. Volte à sua infância e saboreie esse espírito aventureiro dos seus patrícos.

Na minha terra eu sei de cor o que poderia me acontecer agora que estou esperando um ônibus para ir para casa. Haveria lugar de sobra. Eu me sentaria, abriria um jornal sem crimes nem sensações políticas e só levantaria a cabeça para pagar a passagem a um homenzinho rechonchudo, corado e risonho que sabe de cor várias amabilidades para dizer aos passageiros conhecidos.

Aqui não. O imprevisto pode me proporcionar muitas coisas interessantes, inclusive receber uns empurrões do cobrador do ônibus, se tiver sorte de achar um jeitinho de me pendurar no estribô do carro. E — ó aventura! — não sei se jantarei às 19 ou às 23 horas.

O seu país...

O homem não teve tempo de dizer mais nada. Saiu correndo e tal qual um "comando" agarrou-se à porta de um ônibus que passava lotadíssimo. E foi com o seu espírito de aventura pela avenida afora, deixando o reporter na certeza de que vivemos em plena jungla, ao sabor dos azares e dos imprevistos.

Editor responsável:
SERVIÇO AUXILIAR DE IMPRENSA [SAI]
Rua Boa Vista, 234 — São Paulo